

O GLORIOSO CORPO DE CRISTO

R. B. Kuiper

Tradução de Felipe Sabino de Araújo Neto
felipe@monergismo.com

Nota do tradutor [26/11/2005]: A tradução desse livro não está completa, visto que não possuo o mesmo; traduzi esses capítulos na ocasião em que emprestei a cópia de um pastor amigo. Caso você tenha a versão em inglês (*The Glorious Body of Christ*) ou em espanhol (*El Cuerpo Glorioso de Cristo*), e queira cooperar, por favor, me envie o mesmo para que eu possa traduzir o restante, ou traduza alguns capítulos você mesmo e me envie via e-mail.

Todos os textos abaixo foram traduzidos em 2004. Estava aguardando ter tempo para postá-los novamente no site com as devidas revisões. Contudo, visto que até hoje não tive o tempo para fazê-lo, resolvi postá-los assim mesmo, confiando que os muitos erros de tradução, ortografia e digitação não atrapalhem o benefício que se pode extrair da leitura dos mesmos.

CONTEÚDO

PREFÁCIO	3
INTRODUÇÃO. A GLÓRIA SE DISSIPOU?	4
1. A ANTIGUIDADE E PERPETUIDADE DA IGREJA.....	9
2. A IGREJA VÍSEL E INVISÍVEL	12
3. A IGREJA MILITANTE E TRIUNFANTE	15
4. A IGREJA TRANSCENDENTE.....	18
5. A UNIDADE E DIVERSIDADE	21
6. A UNIDADE E A DIVISÃO	24
10. A APOSTOLICIDADE.....	27
27. A IGREJA COMO PREGADORA DO ARREPENDIMENTO	31
32. OS SACRAMENTOS.....	35

PREFÁCIO

Que existe uma clamorosa necessidade de uma apresentação popular da doutrina cristã, em particular da fé reformada, está, a meu critério, fora de toda discussão. Este livro representa uma tentativa de cumprir com essa necessidade, com uma ênfase sobre o ensinamento da Sagrada Escritura com respeito à igreja de Cristo.

Em diferentes períodos da história da doutrina cristã, a maior ênfase tem sido posta em verdades diferentes. O enfoque teológico atual está dirigido, em sua maior parte, para a doutrina da igreja. Esta é uma das razões porque escrevo sobre este tema. Outra razão é de índole mais pessoal. Durante meus vinte e cinco anos de ensinamento de Teologia Pastoral, tenho posto muita atenção na eclesiologia. E porque a igreja, particularmente em sua manifestação evangélica, apesar do interesse geral na eclesiologia, não é mantida em alta estima como deveria ser, nem pelo mundo, nem pelos próprios membros, decidi escrever especificamente sobre sua *glória*.

Desde outubro de 1947 até fevereiro de 1952, colaborei mensalmente na revista *The Presbyterian Guardian* (O Guardiã Presbiteriano) sobre o tema “A glória da igreja cristã”. Como resposta a numerosos pedidos, aqueles artigos agora se reproduzem neste livro. Das muitas alterações e adições que foram feitas, somente deve se mencionar a do capítulo 26, “A tarefa suprema da igreja”. É uma adaptação de uma contribuição feita por mim às edições de dezembro de 1952 e janeiro de 1953 da revista *Torch and Trumpet* (Tocha e Trombeta). Desejo agradecer à *Presbyterian Guardian Publishing Corporation* e à *Reformed Fellowship, Inc.*, por me permitir revisar e publicar de novo dito material.

Quando escrevi tais artigos era ministro (pastor) da Igreja Presbiteriana Ortodoxa. Previamente fui, e agora sou de novo, pastor da Igreja Cristã Reformada. Também fui pastor na Igreja Reformada dos Estados Unidos da América do Norte. Contudo, em minha descrição da glória da igreja, não tive em mente nenhuma denominação em particular, mas sim a igreja descrita no “Credo Apostólico” como *universal*. Não se deve esquecer que qualquer grupo de crentes, para que mereça ser chamado igreja cristã, deve ser uma manifestação da igreja universal, que é o corpo de Cristo.

A intenção do autor nestes estudos é o de ser, antes de tudo, bíblico. De vez em quando são citados alguns credos do Cristianismo e também alguns teólogos proeminentes. Não obstante, minha preocupação principal é dar ao leitor uns breves panoramas da maravilhosa glória do corpo de Cristo, glória que brilha com todo o seu resplendor na infalível Palavra de Deus.

R. B. Kuiper

Grand Rapids, Michigan

INTRODUÇÃO. A GLÓRIA SE DISSIPOU?

A Palavra de Deus nos diz que a igreja de Cristo é gloriosa. Não somente lhe atribui a história um passado que é em muitos aspectos glorioso, e prediz a profecia um futuro glorioso para ela, mas a igreja é *essencialmente* gloriosa. A igreja cristã é gloriosa em *sua própria natureza*.

Hoje em dia a glória da igreja leva um véu grosso. Não é um exagero afirmar que em geral se apresenta a imagem de uma igreja em decadência mui avançada e de uma extrema debilidade.

Por certo, nem todos estão de acordo com tal avaliação. Fala-se muito em nossos dias de um avivamento religioso em todo o mundo. O fato de que uma porcentagem, cada vez maior, da população se faz membro de uma ou outra igreja, é citado como evidência conclusiva de tal avivamento. Diz-se que a igreja está avançando de uma glória à outra. Contudo, esta apresentação peca por ser muito superficial.

O medir a glória da igreja em termos de números é, no mínimo, arriscado. Quando o imperador romano Constantino, no ano 323, reconheceu oficialmente à igreja cristã, ele, nas palavras de um historiador, “vestiu a igreja de púrpura real”. Como conseqüência, aumentou grandemente o número de seus membros. Ser membro da igreja chegou a estar na moda. Talvez esta mesma história esteja se repetindo na atualidade. Não resta dúvida de que tal coisa está acontecendo. Uma vez mais está na moda ser membro de uma igreja. Realça a respeitabilidade. Provavelmente muitos dos que se unem à igreja são cristãos somente de nome.

Devido à influência do rabi Liebman, do bispo Sheen e do Dr. Norman Vincent Peale, multidões estão congregando-se nas igrejas em busca de uma paz mental; não obstante, poucos parecem entender que o único caminho para obter paz é através do sangue expiatório de Jesus Cristo. De igual modo, pouco se entende que a vida cristã é uma vida de constante luta. Quem está em paz com Deus está, por este mesmo fato, em guerra com o mundo, o diabo e a carne.

Certamente o impacto da pregação do evangelista Billy Graham é anda menos do que um fenômeno. Muitos milhares de pessoas de diferentes classes de vida estão sendo dirigidos a fazerem-se membros das igrejas através de sua pregação. Isto pode ser para o protestantismo o presságio de melhores dias no futuro. Contudo, é desconcertante que muitos dos convertidos nas campanhas de Graham, se unem a igrejas que adulteram o evangelho. A história ensina que os resultados de um evangelismo em massa são difíceis de se avaliar. A menos que siga acompanhado de um estudo intensivo da Palavra de Deus, está provado que dos frutos geralmente não permanecem.

Digamos com toda clareza que a igreja está onde a verdade está. A sã doutrina tem sido, é, e sempre será a marca mais importante da verdadeira igreja de Cristo. Porém, quem se atreve a afirmar que há nas igrejas hoje em dia um crescente interesse no estudo da doutrina? Geralmente as pessoas não vão à igreja para aprender acerca de Deus e de Sua infalível Palavra, mas para se tranquilizarem. Parece que nem se lhes ocorre, nem por um instante, que a glória de Deus é o princípio e o fim da adoração em comum.

Resta, não obstante, o fato de que a igreja cristã de hoje se encontra numa situação lamentável. Parece depreciável ao invés de gloriosa. Contudo, este mesmo fato faz tanto mais necessário voltar a insistir uma vez ou outra na sua glória essencial.

Os capítulos seguintes constituem uma série que manifesta, de vários pontos de vista, a glória inerente da igreja de Cristo, a qual é Seu corpo. Como pano de fundo, seria bom enumerar primeiro alguns dos fatores que têm contribuído para esta sua aparente triste situação atual.

O mundo sempre tem se oposto à igreja e sempre se oporá. A luta entre a semente da mulher e a da serpente não é só perene, mas também perpétua. Ainda assim, é difícil dizer que hoje o mundo odeia à igreja com um ódio violento. Não! Antes, ele considera a igreja com uma tolerância benevolente, como uma instituição inofensiva, talvez de alguma ajuda, porém de nenhuma maneira realmente útil. Tal atitude por si mesma desprestigia a igreja. Se fosse forte e ativa, como deveria sê-lo, o mundo se lhe oporia com muito mais vigor. A perseguição por parte do mundo é uma distinção que traz honra à igreja. Jesus não pronunciou como bem-aventurados aqueles que são perseguidos por causa da justiça? E não se aplica tal bem-aventurança a todos os fiéis seguidores do Cordeiro (Mateus 5:10-12)? De todo ponto de vista, a igreja de hoje perdeu tal distinção e, como consequência, tal bem-aventurança. E esta é outra maneira de dizer que o perigo mais iminente para a igreja de hoje é um que sai de sua própria casa. Eis aqui algumas ameaças internas.

A MUNDANEIDADE

O termo *mundaneidade* é freqüentemente usado de uma forma muito vaga. Muitos do que denunciam a mundaneidade da igreja são silenciados de forma abrupta quando se lhes pede que definam com clareza o significado deste termo. Para alguns, a palavra sugere certos passatempos; para outros significa o modo das mulheres se vestirem. Não se pode negar que algumas coisas podem com propriedade serem classificadas sob a marca de mundaneidade. Porém, o termo sugere uma aplicação mais ampla.

Há um tempo de mundaneidade que predomina em extremo na igreja e que está causando um dano tremendo. Não obstante, mui poucos o reconhecem como mundano. Desta mundaneidade são culpados os próprios responsáveis pela marcha da igreja. Isto é, medir a grandeza da igreja como o faz o mundo, dando ênfase mais nos valores externos do que nos internos. Savonarola, o precursor florentino da Reforma, assim lamentou: “Na igreja primitiva, os cálices foram feitos de madeira, os prelados (ministros) de ouro; nestes dias a igreja tem cálices de ouro e prelados de madeira”. Diz-se que uma igreja prospera quando cresce rapidamente em número, embora não cresça em graça e no conhecimento do Senhor. Tal igreja é considerada próspera, porque é constituída com material fino e caro, e de vez em quando é ampliada, embora fracasse em edificar a seus membros como pedras vivas de uma casa espiritual. No lugar de proclamar com fidelidade a Palavra de Deus e orar fervorosamente para que o Senhor abençoe tal proclamação, a fim de que todos os que são salvos sejam adicionados à igreja e que os crentes sejam edificados na santíssima fé, o pastor põe a ênfase nas atrações especiais e em ganhar mais membros, sim, num esforço concentrado para aumentar a lista de membros de sua igreja e dar-se ao luxo de possuir o edifício mais imponente da comunidade. Enquanto isso, os requisitos para ser membro da igreja são progressivamente - para ser mais preciso,

retrogressivamente - diminuídos e as demandas da disciplina na igreja são progressivamente - ou melhor, retrogressivamente - passadas por alto. E não se ocorre jamais ao pastor, que esta é a pior maneira para a igreja merecer o respeito do mundo, nem se dá conta de que assim sua igreja está perdendo o favor de Deus.

O antes mencionado é uma forma sutil da mundaneidade que se encontra dentro da igreja. Formas mais descaradas de mundaneidade podem ser mencionadas sem medo de contradição. Quão certa é a freqüente acusação de que os membros da igreja não são diferentes dos homens e mulheres do mundo. O pecado mais proeminente do antigo Israel foi que, em vez de manter sua diferença como povo escolhido de deus, todo o tempo estava imitando seus vizinhos pagãos. O mesmo pecado está abundante na igreja de hoje.

O DISPENSACIONALISMO MODERNO

Estranho como possa parecer, há dentro da igreja crentes verdadeiros que estão causando dano à igreja ao desprezá-la. Proeminentes entre eles são os dispensacionalistas.

As notas da Bíblia Scofield têm exercido por várias décadas uma forte e ampla influência no fundamentalismo na América Latina e nos Estados Unidos da América do Norte. É triste dizer que tal influência não tem sido totalmente saudável. Pelo contrário, a Bíblia Scofield tem sido um instrumento para ganhar muitos aderentes aos erros do dispensacionalismo. Em seu livro *Prophecy and the Church* (Profecia e a Igreja), Oswald T. Allis expôs de uma forma magistral aqueles erros, e há sinais de que suas advertências não foram totalmente desatendidas. Ainda assim, o fermento do dispensacionalismo não foi tirado totalmente da igreja e continua causando sérios prejuízos.

O dispensacionalismo moderno abertamente despreza a igreja. Afirma que Cristo, em Sua primeira vinda, se propôs estabelecer um reino com Jerusalém como capital e Ele mesmo como rei sentado no trono de Davi seu pai. Contudo, quando o povo judeu O rejeitou como rei, Ele decidiu, nos dizem os dispensacionalistas, postergar o reino até Sua segunda vinda, e nesse ínterim fundar Sua igreja. Porém, a igreja não é de nenhuma maneira tão importante como o reino. No esquema dispensacionalista, a igreja é somente um parêntesis, um intervalo, um tempo concedido, por assim dizer, na cronologia divina.

O ponto de vista tão baixo que os dispensacionalistas têm da igreja, tem feito que mais de um pastor desta persuasão cesse em sua luta por uma doutrina sã em sua denominação. Não poucos pastores que fizeram solene promessa no momento de sua ordenação de lutar pela pureza da denominação, estão hoje em dia, no mínimo, descuidando de tal promessa. Talvez proclamem com fidelidade o coração do evangelho dos seus próprios púlpitos, porém, quando outro pastor da mesma denominação contradiz a preciosa verdade que a morte de Cristo na cruz foi um sacrifício pela qual Ele expiou o pecado e satisfaz as demandas da justiça divina, não se lhes ocorre acusar-lhe de heresia ante os tribunais da igreja. Um proeminente pastor da escola dispensacionalista disse uma certa vez: “A denominação não significa nada para mim”. E isso porque sua denominação não era do tipo congregacional ou de governo independente.

O dispensacionalismo deve levar algo da culpa, embora não toda, pelo descuido geral de importantes aspectos do pacto da graça por parte do protestantismo norte-americano. O fato é que a maioria das igrejas protestantes dificilmente considera os filhos dos crentes como membros da igreja. O que é pior ainda, falham miseravelmente em prover material de instrução religiosa adequado para estas crianças. É muito difícil encontrar uma igreja protestante hoje em dia, é triste dizer, que insista num programa de educação cristã que seja bíblicamente consistente para os filhos membros do pacto. Não é nada surpreendente que um número incontável destas crianças estão perdidos para a igreja. Isto, certamente, é um mau prenúncio para o futuro.

Porém, não há nenhuma razão para se crer que o dispensacionalismo moderno é igual ao modernismo. O modernismo nega muitos ensinamentos cardinais do cristianismo e assim, rejeita a religião cristã. O dispensacionalismo, pelo contrário, se adere àquelas verdades que chegaram a ser conhecidas como “as fundamentais”. Porém, resta ainda o penoso fato que o dispensacionalismo faz violência ao ensinamento bíblico da igreja e diminui, em não pouca escala, a glória da igreja.

A INDIFERENÇA DOUTRINAL

A Bíblia descreve a igreja como “coluna e firmeza da verdade” (1 Timóteo 3:15). Esta é uma maneira clara e enfática de dizer que é função da igreja *defender* a verdade. Da mesma maneira, a Escritura ensina clara e enfaticamente que é a tarefa da igreja *proclamar* a Palavra da verdade (por exemplo, Mateus 28:18-20; Atos 1:8). Sendo esse o caso, a igreja não tem pior inimigo destrutivo em seu meio do que a indiferença à verdade.

Há dentro da igreja aqueles que negam as doutrinas mais importantes da religião cristã. Há os que negam que a Bíblia é a infalível Palavra de Deus, e conseqüentemente os ensinamentos bíblicos sobre a Santa Trindade, a deidade de Cristo e Seu sacrifício vicário; e estes negadores se encontram nos púlpitos das igrejas e nas cátedras dos seminários. Isto, certamente, é totalmente deplorável. Porém deve-se mencionar um fato ainda mais triste. É que na maioria dos casos a igreja não se preocupa em expulsar estes falsos mestres. Se a igreja tivesse zelo pela verdade, deveria se desembaraçar dos tais, porém, a maioria das igrejas não tem nem sequer pensado nisso. Os membros das igrejas, geralmente, não sabem o que é a verdade e não se preocupam tampouco por conhecê-la. As igrejas estão cheias de Pilatos que perguntam com desprezo: “Que é a verdade?” O que querem dizer é: “Eu não sei, tu não sabes, ninguém sabe, ninguém pode saber; deixemos de fazer sofismas sobre a verdade”.

A Igreja Presbiteriana tem talvez as melhores normas doutrinas de todo o cristianismo. A Confissão de Fé de Westminster e os catecismos são os mais elaborados, e, conseqüentemente, os mais nobres produtos credenciais da Reforma Protestante. Ainda assim, nos anos vinte do presente século, uns 1200 pastores da dita denominação firmaram uma declaração chamada “The Auburn Affirmation” e ao fazê-lo, expressaram seu ponto de vista, não somente que a doutrina da inerrância da Sagrada Escritura é danosa, mas que também carece de importância se um pastor de tal comunidade crê ou não no nascimento virginal de Cristo, em Sua ressurreição corporal, nos milagres da Bíblia em geral, ou na expiação como satisfação às

demandas da justiça divina. Se mantém ainda o torpe conceito que o cristianismo é vida, não uma doutrina. A união da igreja, à custa da verdade, é demandada por todos os lados. Muitos membros da igreja aplaudem ao alcoólico que pediu a um pastor que lhe dissesse a diferença entre o modernismo e o fundamentalismo, e, quando lhe foi pedido que repetisse a mesma pergunta quando não estivesse bêbado, aquele respondeu que então não lhe interessaria sabê-lo.

Assim tem acontecido que muitas igrejas protestantes estão manchadas com o modernismo, o qual não é uma classe de cristianismo, mas uma negação do mesmo. Algumas delas estão debaixo do controle do liberalismo teológico num grau tão alto que já não merecem ser chamadas de igrejas cristãs. As assim chamadas indecisas devem levar muito da culpa.

Freqüentemente se ouve dizer que o modernismo, caracterizado pela negação racionalista do sobrenatural e pela substituição, sob a influência de Friedrich Schleiermacher e Albrecht Ritschl, da revelação divina objetiva pela experiência religiosa subjetiva, tem sido agora suplantado pela “nova ortodoxia”, popularmente conhecida como barthianismo [de Karl Barth]. Se tal coisa for certa, nos constituiria grande ganho, se houvesse algum; porque o barthianismo também é essencialmente modernista. Aceita muitas das conclusões da alta crítica e nega a inspiração plenária da Escritura. Cornelius Van Til não estava fora de foco quando o classificou de *o novo modernismo*. Contudo, simplesmente não é certo que o antigo modernismo tenha desaparecido totalmente; e supor que assim aconteceu, constitui uma evidência de uma incrível ingenuidade e uma carência quase completa de consciência doutrinal. A lenda de que o liberalismo Harry Emerson Fosdick passou de moda poderia ser uma artimanha pela qual o pai da mentira tenta iludir os fiéis. E não é de nenhum modo inconcebível que o presente predomínio do barthianismo chegue a ser de curta duração. Seu flagrante irracionalismo parece assinalar tal direção. Como e quando tal coisa suceder, o liberalismo clássico, numa forma ou de outra, correrá tão forte como sempre. Este liberalismo é tão velho como a igreja e sem dúvida a molestará até o fim da história. Agora, como sempre, a atitude da igreja para com este liberalismo deve ser de inflexível intolerância.

Quando a arca da aliança foi tomada pelos filisteus incircuncisos, a mulher do sacerdote Finéias deu a luz um filho, e lhe chamou *Icabode* dizendo: “De Israel se foi a glória!” (1 Samuel 4:21). Poderíamos perguntar hoje se a glória da igreja não se apartou dela. Parece que aquela palavra *Icabode* deveria ser gravada em cima de suas portas.

Ainda assim, incrível como pareça, é aplicável à igreja de todas as eras, inclusive desta, o regozijo do salmista: “O Senhor ama as portas de Sião mais do que todas as habitações de Jacó. Coisas gloriosas se dizem de ti, ó cidade de Deus” (Salmos 87:2,3).

1. A ANTIGUIDADE E PERPETUIDADE DA IGREJA

SEU NASCIMENTO

Quantos anos a igreja cristã tem?

No conselho de Deus a igreja existe desde a eternidade. Num capítulo posterior deste estudo da glória da igreja, examinaremos esta verdade. Por enquanto, nossa preocupação girará em torno da igreja dentro do marco da história. A pergunta obrigatória é: Quando a igreja teve a sua origem no curso da história humana?

Duas respostas tem sido dadas a esta pergunta. A teologia cristã em geral afirma que a igreja teve sua origem no jardim do Éden, imediatamente depois da queda do homem, quando Deus lhe prometeu um Salvador e o homem pela fé aceitou tal promessa. Por outro lado, muitos afirmam que o derramamento do Espírito Santo em Pentecostes, há pouco mais do que 1900 anos,¹ assinala, na realidade, o nascimento da igreja cristã.

Qual destas duas respostas é a correta? Isso será determinado à luz da definição da igreja. Se nossa definição for correta, não será difícil determinar se na verdade a igreja existiu ou não antes do Pentecostes. Pois bem, o Credo Apostólico define a igreja como “a comunhão dos santos”. De igual modo, é correto dizer que “é a comunhão dos crentes”. Não havia, por acaso, comunhão dos crentes nos tempos do Antigo Testamento? Certamente que sim. Desde a queda do homem não tem havido mais que um Salvador, o Senhor Jesus Cristo, e um só caminho para obter a salvação, isto é, através da fé nEle. Assim como os crentes do Novo Testamento são salvos por sua fé no Cristo da história, da mesma forma os crentes do Antigo Testamento foram salvos através de sua fé no Cristo da profecia. O Cristo da profecia e o Cristo da história são, com certeza, uma e a mesma pessoa. Assim, Isaías, Davi, Abraão e muitos outros do Antigo Testamento foram membros do único corpo de Cristo, a igreja. E se assumimos, como devemos fazer, que Adão e Eva creram na promessa de Deus de que a semente da serpente feriria o calcanhar da semente da mulher, e que a semente da mulher, por sua vez, feriria a cabeça da serpente (Gênesis 3:15), então, pode-se afirmar que eles, Adão e Eva, constituíram a primeira igreja cristã.

SUA MATURIDADE

Não se deve pensar, nem por um instante, que a igreja foi madura desde o seu nascimento. Nem chegou à maturidade até que o Espírito Santo foi derramado sobre ela. Isto faz do Pentecostes o evento crucial na história da igreja. Serve também para explicar o fato de que a glória da igreja sob a nova dispensação é muito maior do que a da antiga dispensação.

A igreja da nova dispensação tem uma revelação mais completa. Embora os crentes do Antigo Testamento tinham que se contentarem com a sombra das coisas que haveriam de vir, nós andamos na plena luz provida por Aquele que é ao mesmo tempo o Filho de Deus, o resplendor da glória do Pai, a própria imagem do Pai (Hebreus 1:3), e o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo (João 1:29). E foi Ele, Cristo,

¹ A primeira edição desse livro foi publicada em 1966.

que no dia de Pentecostes cumpriu Sua promessa de dar a Sua igreja o Espírito da verdade, para guiá-la a toda a verdade (João 16:13).

A igreja da nova dispensação goza de uma liberdade mais completa. Já não está na condição de uma criatura que necessita que se lhe diga a cada instante o que tem ou não tem que fazer, mas que já chegou a sua maioridade (Gálatas 4:1-7). Não somente foi abolida a lei cerimonial, que prescrevia a adoração do antigo Israel; a liberdade da igreja do Novo Testamento tem a ver também com a lei moral de Deus. É para ele, certamente, um dever sagrado guardar esta lei, porém se regozija ao fazê-lo, e essa é a verdadeira essência da liberdade. Sem dúvidas, tal liberdade não foi desconhecida pelos crentes do Antigo Testamento, porque o salmista falou dos mandamentos de Deus como sendo “mais doces do que o mel e o licor dos favos” (Salmos 19:10). Contudo, a igreja do Novo Testamento goza desta liberdade em maior medida, porque o Espírito Santo foi derramado sobre ela como nunca antes, “e onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade” (2 Coríntios 3:17).

A igreja da nova dispensação tem uma forma visível própria. Houve um tempo em que a igreja estava ligada à família patriarcal. Posteriormente estava ligada, ainda que não identificada, com o povo de Israel. Porém em Pentecostes, a igreja chegou a sua maturidade, uma organização distinta.

A igreja da nova dispensação é universal. Nos tempos do Antigo Testamento, a igreja estava limitada quase exclusivamente ao povo israelita. Somente em forma ocasional, e como uma exceção, foram recebidos gentios dentro dela, Rute, a moabita, é um exemplo proeminente. Porém, em Pentecostes, línguas repartidas como de fogo pousaram sobre as cabeças dos discípulos e no mesmo instante, começaram a proclamar as grandes maravilhas de Deus em muitas línguas. Homens de todo o mundo mediterrâneo estiveram presentes, tanto judeus como prosélitos. Muitos deles se converteram e foram recebidos por meio do batismo na igreja cristã. Aquelas foram as primícias da grande colheita que mais tarde haveria de ser reunida dos campos do mundo.

SUA CONTINUIDADE

Poderia ser dito muito mais com respeito à grande glória da igreja do Novo Testamento. Longe de ter dito tudo o que se poderia dizer, resta ainda o fato de que a igreja da nova dispensação é a continuação da igreja da antiga dispensação, e ainda mais, o fato de que a igreja de Jesus Cristo em ambos períodos é realmente gloriosa. O que merece ser acentuado é o fato de que a mesma continuidade da igreja contribui grandemente para a sua glória.

Disso, precisamente, escreveu o apóstolo Paulo aos cristãos gentios de Éfeso numa linguagem vívida. Depois de recordar-lhes que eles uma vez estiveram separados da comunidade de Israel, e estranhos ao pacto da promessa, prosseguiu assim: “Mas agora, em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, já pelo sangue de Cristo chegastes perto. Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos os povos fez um; e, derrubando a parede de separação que estava no meio, na sua carne desfez a inimizade, isto é, a lei dos mandamentos contidos em ordenanças, para criar, em si mesmo, dos dois um novo homem, assim fazendo a paz, e pela cruz reconciliar ambos com Deus em um só corpo, tendo por ela matado a inimizade; e, vindo, ele evangelizou paz a vós que estáveis longe, e paz aos que estavam perto; porque por ele

ambos temos acesso ao Pai em um mesmo Espírito. Assim, pois, não sois mais estrangeiros, nem forasteiros, antes sois concidadãos dos santos e membros da família de Deus, edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, sendo o próprio Cristo Jesus a principal pedra da esquina; no qual todo o edifício bem ajustado cresce para templo santo no Senhor” (Efésios 2:12-21).

Como já se mencionou na introdução deste estudo, segundo o dispensacionalismo, não existia a igreja antes do Pentecostes, e ainda quando o Filho de Deus veio à terra, não teve a menor intenção de estabelecer uma igreja. Veio para estabelecer um reino, porém, quando o povo judeu O rejeitou como rei, decidiu postergar Seu reino até Sua segunda vinda e, enquanto isso, fundar uma igreja. Assim a “era da igreja” vem a ser relativamente insignificante, um mero parêntesis. A verdade é que a igreja foi fundada no Éden e continuará até o fim dos séculos e, sim, pela eternidade.

A igreja de Cristo continuará até o ponto da mais gloriosa perpetuidade. Ela abraça todas as idades da história humana e se estenderá através das eras sem fim da eternidade. Em vez de ser um substituto temporal de algo melhor, ela constitui o coração do plano eterno de Deus. Em vez de abraçar aos crentes de uns poucos séculos, é a comunhão dos eleitos de Deus de todas as eras, a incontável multidão de todos aqueles cujos nomes estão escritos no livro da vida do Cordeiro desde a fundação do mundo e que morarão eternamente na cidade que não tem necessidade de sol nem de lua que brilhem nela: porque a glória de Deus a iluminará, e o Cordeiro é a Sua lâmpada (Apocalipse 21:23).

2. A IGREJA VÍSIVEL E INVISÍVEL

Normalmente é feita uma distinção entre a igreja visível e a igreja invisível. Tal distinção é válida e às vezes valiosa, porém, não se deve supor que há duas igrejas cristãs, uma visível e outra invisível. Há uma só igreja de Jesus Cristo, porque Ele tem um só corpo. Contudo, esta única igreja tem diferentes aspectos, entre os quais geralmente se distingue estes dois: visível e invisível.

A MEMBRESIA DA IGREJA VISÍVEL

A igreja visível consiste de todos aqueles que estão inscritos como membros da igreja. Não é difícil determinar quem são, porque seus nomes aparecem nos registros das igrejas. Com pouco esforço, podem-se saber quantos são. É certo que a exatidão não tem sido sempre a norma. Algumas igrejas praticam o mau hábito de apresentar de forma enganosa o número de sua membresia, de tal modo que a fazem parecer muito maior que o que realmente é. Tal engano não é difícil de descobrir.

Falado de forma estrita, a membresia da igreja visível coincide com a da igreja invisível. E, visto que a igreja invisível consiste unicamente dos regenerados, somente eles têm o direito de serem contados como membros da igreja visível. Usando uma expressão bíblica, pode-se dizer que somente os regenerados são da igreja visível (1 João 2:19). É certo e inegável que pode haver, e de fato há, pessoas não regeneradas na igreja visível. Pode-se dizer, então, que a igreja é composta de ambos, crentes e incrédulos, alguns verdadeiros cristãos e outros cristãos nominais. O círculo íntimo dos doze apóstolos, que era o núcleo da igreja do Novo Testamento, incluía ao traidor Judas Iscariotes. A igreja de Jerusalém, sobre a qual tinha sido derramado recentemente o Espírito Santo, abrigou em seu seio Ananias e Safira, piedosos fraudulentos. Ser membro da igreja visível não garante a vida eterna. Há muita razão para temer, especialmente nestes dias de extrema frouxidão nos requisitos para ser membro da igreja, e a negligência quase total no exercício da disciplina eclesiástica, que os não salvos dentro da igreja visível não são poucos.

A MEMBRESIA E A GLÓRIA DA IGREJA INVISÍVEL

A igreja invisível, por outro lado, é composta exclusivamente daqueles que, pela graça do Espírito Santo, nasceram de novo. Não é difícil entender o porque este aspecto da igreja deve ser caracterizado como *invisível*. É impossível para nós afirmar com certeza quem são e quem não são regenerados. Somente o Deus onisciente pode fazer tal distinção. De vez em quando encontramos um pastor que diz poder indicar, sem equívoco, quem são “os que nasceram de novo” em sua congregação, porém, tal afirmação é arrogante e altiva. Lutero tinha razão quando afirmou que ao chegar ao céu esperava se deparar com duas grandes surpresas: primeira, que não veria muitos dos quais ele estava seguro que estariam ali e, segunda, que encontraria muitos que nunca teria imaginado ver ali. É bom recordar também o que ele adicionou, que a maior de todas as maravilhas seria que o indigno Martinho Lutero estaria ali.

O próprio fato de que a igreja invisível consiste exclusivamente de pessoas regeneradas, se deduz que este aspecto da igreja é certamente glorioso. Cada um dos membros dela foi “tirado da potestade das trevas, e transportado para o reino do seu

Filho amado” (Colossenses 1:13). De todos seus membros pode-se dizer que “eram trevas, mas agora sois luz no Senhor” (Efésios 5:8). “Como pedras vivas”, eles são “edificados como casa espiritual e sacerdócio santo...” (1 Pedro 2:5). Eles são lavados, são santificados, são justificados no nome do Senhor Jesus Cristo e pelo Espírito de Deus (1 Coríntios 6:11). Juntos constituem o corpo de Cristo (Colossenses 1:18). Certamente, eles não alcançaram a perfeição; contudo, eles têm agora a vitória sobre o pecado e o diabo através de Jesus Cristo, seu Senhor. Nele [Cristo] eles são perfeitos.

A GLÓRIA DA IGREJA VISÍVEL

Porém, o que se pode dizer da igreja visível? Ao estar composta, como já se explicou, de crentes e não crentes, sua glória é necessariamente menor que a da igreja invisível. Isto é muito triste. No curso da história isto tem sido um problema muito molesto. Os líderes da igreja têm tido longas e duras lutas para determinar quais medidas deveriam ou não ser aplicadas para remediar a impureza dentro da igreja visível. Nunca houve unanimidade de critério. Até hoje está muito longe de haver. Podem ser citados três critérios distintos:

O critério restrito. Através da história tem havido grupos dentro da igreja cristã que insistiram na idéia de uma “igreja pura”. Sua característica era limitar a membresia da igreja unicamente àqueles que tinham consciência de terem nascido de novo e que podiam dar uma evidência clara de sua conversão. Estes mesmos julgaram necessário e possível excluir os não regenerados da igreja. Os novacianos do século III e seguintes, e os seguidores de John Nelson Darby em tempos recentes, pertencem a este grupo. Este ponto de vista teve considerável aceitação no noroeste dos Estados Unidos. É um ponto de vista extremo que beira o fanatismo. Põe uma ênfase indevida na experiência religiosa subjetiva. Ignora a incapacidade do homem para determinar quem são regenerados e quem não o são. Ao invés de resolver o problema ocasionado pela impureza da igreja visível, a destrói com outro problema.

O critério amplo. Outros têm ido para o outro extremo. Têm adotado o ponto de vista liberal conhecido como a política do “laissez-faire”, ou “laissez-passer” (deixar fazer, deixar passar) e não se importam com o problema. Como consequência, não exercem nenhuma disciplina eclesiástica. Apelam freqüentemente à parábola do Trigo e do Joio (Mateus 13:24-30, 36-43) para apoiar sua posição. Interpretam - ou melhor, mal-interpretam - tal parábola para ensinar que a igreja não deve tentar separar o joio de entre o trigo. Os aderentes deste ponto de vista são excessivamente numerosos em nossos dias. Com efeito, deixariam desaparecer a pureza e, portanto, a glória da igreja visível por descuido. Mais tarde, nesta série de estudos, voltaremos a considerar a forma mais completa dos ensinamentos desta parábola. Por enquanto, basta dizer que repetidas vezes a Palavra de Deus ordena, sem equívoco, à igreja lançar fora os membros indignos, e é um princípio sadio de hermenêutica que uma determinada passagem da Escritura deva ser interpretada à luz da Escritura em sua totalidade.

O critério bíblico. Há um terceiro ponto de vista. Mostra um equilíbrio muito razoável e se encontra plenamente na infalível Palavra de Deus. Por um lado, admite que a igreja visível não pode se conservar completamente pura. Seus oficiais mais fiéis, mais piedosos e mais sábios, estão muito longe de serem infalíveis em seu afã de distinguir entre o trigo e o joio. Porém, por outro lado, insiste com firmeza que a igreja tem o sagrado dever de guardar-se tão pura como seja humanamente possível, e

para conseguir este propósito deve exercer a disciplina e, se for necessário, até a ponto da excomunhão. Acaso não ordenou o Senhor que, se um irmão peca e recusa prestar atenção à admoestação da igreja, deve ser tido como “gentil e publicano” (Mateus 18:17)?

A conclusão desta parte do estudo é que a igreja visível é gloriosa à medida que reflete a igreja invisível. A visibilidade e a invisibilidade são dois aspectos da única igreja de Jesus Cristo. Por essa simples e determinante razão, a igreja visível deve ser uma manifestação da igreja invisível. Deve-se admitir, não obstante, que a semelhança de uma à outra nunca é perfeita. Porém, em algumas ocasiões, a igreja visível não é mais do que uma simples caricatura da igreja invisível; então, não é gloriosa. Em muitíssimas outras ocasiões, a igreja reflete de uma forma mui tênue a igreja invisível; então, sua glória é opaca. Pela graça de Deus há também ocasiões nas quais a igreja visível reflete com clareza a igreja invisível; tal igreja é certamente gloriosa.

Disto segue-se que a glória da igreja visível não consiste em coisas externas tais como edifícios suntuosos, janelas de vidros coloridos artisticamente decoradas, mobiliário finíssimo, vestimentas dignificadas e pregadores de muito talento. Uma igreja pode ter todas estas coisas e, todavia, não ser gloriosa, e, portanto, indigna de ser chamada igreja de Cristo. Uma grande membresia tampouco indica necessariamente uma igreja gloriosa. Tais coisas podem fazer patente sua vanglória.

A glória da igreja visível se reflete em seus membros, e consiste em sua lealdade a Jesus Cristo. Tal igreja é gloriosa quando reconhece e confessa a Cristo como seu Salvador e Cabeça, e se manifesta ser o corpo de Cristo.

3. A IGREJA MILITANTE E TRIUNFANTE

É muito comum fazer uma distinção entre a igreja militante e a igreja triunfante. A igreja é militante enquanto estiver na terra; a que está nos céus é triunfante. Por isso, não está fora de ordem dizer, quando alguém morre no Senhor, que passou da igreja militante para a igreja triunfante.

É evidente que ambos aspectos da igreja de Cristo são gloriosos, e não é errado dizer que a igreja no céu é muito mais gloriosa que a da terra. Porém, o que muitos não parecem entender é que a igreja triunfante não alcançou ainda a glória para a qual está destinada. Além do mais, é estranho que a glória da igreja militante seja tão freqüentemente subestimada. A verdade é que a igreja triunfante de agora não é, em alguns aspectos, tão gloriosa como se supõe ser, e que a igreja militante é consideravelmente mais gloriosa do que freqüentemente se pensa. Pode-se dizer ainda, corretamente, que a igreja militante já é triunfante, e que a triunfante é, todavia, militante.

A GLÓRIA INCOMPLETA DA IGREJA TRIUNFANTE

Longe de nós diminuir a glória da igreja no céu. Visto que ela é livre de todo pecado e perfeita em santidade, é sobremaneira gloriosa. Além do mais, participando da glória de Cristo, sentado à destra de Deus, ela reina com Ele sobre Seus súditos aqui na terra. Sua glória excede o poder da imaginação humana. Seu esplendor é tal que nenhum olho o viu, nem ouvido o ouviu, nem subiu ao coração do homem (1 Coríntios 2:9).

Contudo, não pode se negar que depois da consumação de todas as coisas, a igreja no céu será ainda mais gloriosa que o que é agora. Seu estado atual, não obstante ser glorioso, é preparatório. Abaixo citamos algumas coisas que ainda restam ser aperfeiçoadas.

É óbvio que a membresia da igreja triunfante não está completa ainda. E não será até que o último crente tenha sido levado a sua glória. Tal coisa não ocorrerá até a segunda vinda de Cristo. Os santos que ainda estiverem vivos se reunirão com a igreja triunfante sem experimentar a morte. Então, o número completo dos eleitos de Deus se reunirá num corpo como nunca antes. Logo aparecerá o corpo perfeito de Cristo constituído por todos seus membros sem exceção alguma. É então que lá se passará a lista e não faltará nenhum daqueles que Cristo comprou com o Seu sangue. *Isto* será glória para a igreja e também para sua Cabeça. “Na multidão do povo está a glória do rei” (Provérbios 14:28).

Uma igreja não pode ser mais gloriosa que os membros dos quais se constitui. O mesmo é certo com relação à igreja triunfante. Porém, os santos no céu não alcançaram ainda a plenitude da glória. Pode-se dizer, inclusive, que sua salvação está ainda em processo. Seus corpos estão descansando na terra. E não será senão até que aqueles corpos, semeados em corrupção, desonra e fraqueza, tenham sido ressuscitados em incorrupção, glória e poder, e como corpos espirituais tenham sido unidos com suas próprias almas, sem pecado, que a morte será absorvida em perfeita vitória.

A Bíblia nos diz que a igreja no céu tem ânsias que não serão satisfeitas até que o Senhor Jesus Cristo regresse para julgar o mundo. Numa de suas visões, João viu, debaixo do altar, as almas dos que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus e pelo testemunho que tinham, e ele os ouviu clamando em grande voz, dizendo: “Até quando, ó Soberano, santo e verdadeiro, não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?” (Apocalipse 6:10). Esta não é uma demanda de vingança pessoal, mas uma oração militante pela vindicação da justiça divina e da manifestação da glória de Deus na destruição dos Seus adversários. Portanto, lemos que quando Babilônia é destruída, os habitantes dos céus proclamam: “Aleluia! A salvação e a glória e o poder pertencem ao nosso Deus; porque verdadeiros e justos são os seus juízos, pois julgou a grande prostituta, que havia corrompido a terra com a sua prostituição, e das mãos dela vingou o sangue dos seus servos” (Apocalipse 19:1b,2).

A GRANDE GLÓRIA DA IGREJA MILITANTE

Os tempos atuais são de pacifismo eclesiástico. Quase todas as igrejas, em vez de opor-se ao erro, o toleram, e em muitos casos, o entronizam. Pouquíssimas igrejas afirmam que um erro doutrinário é pecado. A imoralidade flagrante e a injustiça social são vistas com maus olhos, porém, outras formas de mundaneidade andam livres entre os membros da igreja. Raras vezes disciplina eclesiástica é aplicada, e o exame de uma heresia tem sido relegado à Idade Média. As diferenças históricas entre as denominações são tidas como insignificantes e a união das igrejas está em moda. E quando os homens de integridade e valentia se esforçam para purificar a igreja, estes são prontamente expulsos como perturbadores da paz em Sião.

Já é tempo da igreja se recordar que a militância pertence à sua própria essência. Quando uma igreja deixa de ser militante, deixa ao mesmo tempo de ser uma igreja de Jesus Cristo. A igreja aqui na terra é gloriosa, não apesar de sua militância, mas precisamente por ser militante.

Uma igreja verdadeiramente militante opõe-se firmemente ao mundo, dentro e fora de suas paredes. Assim, sua militância prova que, embora esteja no mundo, não é do mundo. A militância da igreja manifesta a antítese entre os filhos de Deus e os filhos do diabo. Tal antítese é absoluta. É ativa também. Não é como a antítese que existe entre o branco e o negro, que é passiva, digamos, como no caso de um vestido, mas é uma que se assemelha à antítese que existe entre o fogo e a água, que estão em violento conflito. Sem dúvida, a igreja quer ver os homens e mulheres do mundo salvos e nunca perde de vista o fato de que a graça onipotente pode, num abrir e fechar de olhos, transformar um inimigo em amigo. Contudo, ainda que pareça paradoxal, ainda resta a verdade de que não só o mundo está em inimizade com a igreja, mas que também a igreja está em inimizade com o mundo.

Colocando de forma positiva, a militância da igreja é prova de sua santidade. Como a luz do mundo, ela não pode senão empenhar-se em dissipar a obscuridão do pecado. Como defensora da verdade, deve se manter zelo e firmemente vigilante da verdade de Deus contra qualquer erro. Assim, a militância chega a ser sinônimo de glória.

Uma verdade que freqüentemente é ignorada é que a igreja militante é vitoriosa. Não somente vive na certeza de seu triunfo final, mas é vitoriosa aqui e agora. Como isso não quero dizer que seus membros chegaram à perfeição moral. Tampouco que alguns de seus membros estão livres de todo pecado conhecido, como o Movimento da Vida

Vitoriosa quer que creiamos. Pelo contrário, cada um de seus membros deve confessar: “Todos tropeçamos em muitas coisas” (Tiago 3:2). Ainda assim, a igreja militante é vitoriosa numa forma muito real. Cristo, sua Cabeça, venceu para sempre Satanás e o mundo, o pecado e a morte; e Seu corpo, que é a igreja, participa de Sua vitória. Por isso o apóstolo Paulo, ao clamar em aborrecimento de si mesmo: “Miserável homem que eu sou! quem me livrará do corpo desta morte?” imediatamente depois, numa explosão de regozijo e louvor, disse: “Graças a Deus, por Jesus Cristo nosso Senhor!” (Romanos 7:24,25). Em sua tarefa de proclamar o evangelho, o mesmo apóstolo encontrou a maior oposição; ainda assim, ele se gloriou dizendo: “Graças, porém, a Deus que em Cristo sempre nos conduz em triunfo...” (2 Coríntios 2:14). E o escritor de Hebreus quase identifica a igreja militante com a triunfante quando diz: “Mas tendes chegado ao Monte Sião, e à cidade do Deus vivo, à Jerusalém celestial, a miríades de anjos; à universal assembléia e igreja dos primogênitos inscritos nos céus, e a Deus, o juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados” (Hebreus 12:22,23). Portanto, cantamos:

Com Deus aqui na terra,

Mantém a comunhão;

E com os já no céu,

Forma uma só união.

Um dia a vitória da igreja militante será consumada. Ela se unirá com a igreja triunfante. Um anjo disse a João na ilha de Patmos: “Vem, mostrar-te-ei a noiva, a esposa do Cordeiro”. E ele viu “a grande cidade, a santa Jerusalém, que descia do céu da parte de Deus, tendo a glória de Deus” (Apocalipse 21:9-11a).

4. A IGREJA TRANSCENDENTE

Há, certamente, uma grande quantidade de organizações no mundo. Não seria exagero dizer que são incontáveis. Uma delas é a igreja cristã. Porém, não se deve pensar que a igreja é somente uma das muitas organizações. Em aspectos de importância difere tão radicalmente das outras, que se pode dizer que é não simplesmente a primeira de sua classe, mas que é a única em sua classe. Transcende grandemente a outras organizações.

SUA ORIGEM DIVINA

A grande maioria das organizações no mundo foi fundada pelo homem. Foi concebida na mente do homem e originada pelo esforço humano. Isso é certo, por exemplo, no caso de organizações de pouca importância como os clubes desportivos ou de recreio, ou de organizações de grande importância como as associações nacionais de indústrias, as federações de sindicatos trabalhistas, etc.; ou das colossais e poderosas organizações internacionais, tais como as Nações Unidas, o Conselho Mundial de Igrejas e outras. Todas estas organizações e um grande número de outras mais, são produtos da vontade do homem.

A igreja, por outro lado, é uma criação de Deus, e deve sua existência exclusivamente a Deus.

A própria palavra que o grego do Novo Testamento usa para designar a igreja acentua tal verdade. Por definição, a igreja é constituída daqueles que foram *chamados para fora* do mundo. Foi Deus quem fez tal chamamento. Deus chamou não somente por meio de Sua Palavra, mas também pelo Seu Espírito. Tal chamado é irresistível e eficaz.

A igreja existiu no conselho de Deus antes da criação do homem. Isto quer dizer que somente Deus pôde originá-la. Paulo disse aos cristãos de Efeso que Deus lhes havia escolhido em Cristo antes da fundação do mundo e lhes havia predestinado para serem adotados como filhos Seus (Efésios 1:4,5). Não foram escolhidos somente como indivíduos. Deus lhes escolheu como grupo, “membros da família de Deus” (Efésios 2:19). Indubitavelmente, Calvino tinha isso em mente quando falou da doutrina da eleição como o coração da igreja.

Logo no início da história humana, o homem rebelou-se contra seu Criador. Imediatamente Deus entrou em ação e dividiu a nossa raça em dois grupos. À sua direita pôs a semente da mulher, à sua esquerda a semente da serpente. Ao invés de mandar-lhes que fossem inimigos e deixar à sua discrição o obedecer ou não, Deus declarou: “Porei inimizade entre...” vós (Gênesis 3:15). Assim, por ordem divina, a igreja e o mundo se separaram e foram postos em franca oposição.

Depois de alguns séculos, Abraão apareceu em cena. Não foi Abraão quem buscou a Deus; foi Deus quem chamou a Abraão de seu ambiente pagão. Não foi tampouco que Deus meramente lhe ofereceu Sua amizade e lhe convidou para entrar num pacto; sem esperar o consentimento de Abraão, Deus estabeleceu o pacto da graça com ele e sua semente depois dele (Gênesis 17:7). A declaração de Deus fez do pacto um ato realizado. Dali em diante a família patriarcal foi a igreja.

Quando veio o cumprimento do tempo, Deus enviou a Seu Filho para redimir aos escolhidos, para salvar àqueles que o Pai lhe havia dado. Isso também foi um ato soberano de Deus, de nenhum modo dependente da vontade humana. E, visto que os redimidos constituem a igreja de Deus, a Escritura nos diz que Ele - Cristo - comprou a igreja com o Seu próprio sangue (Atos 20:28).

Quando Pedro, como porta-voz dos doze, confessou que Jesus era o Cristo, o Filho do Deus vivo, o Senhor lhe respondeu: “E eu também te digo, que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha igreja...” (Mateus 16:18). Cristo se referiu especificamente à igreja no sentido neotestamentário. O Filho de Deus declarou ser, Ele mesmo, o fundador da igreja.

Em Pentecostes, Cristo edificou esta igreja. Ele o fez por intervenção sobrenatural e miraculosa. Acompanhado do estrondo de um vento forte que soprava e das línguas como de fogo, Ele derramou o Espírito Santo sobre os discípulos, e estes, por sua vez, proclamaram as grandes maravilhas de Deus “em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem” (Atos 2:4). Através do poder renovador do mesmo Espírito, quase mil pessoas foram salvas e recebidas na igreja.

Cristo continua edificando Sua igreja através das eras. Cada vez que um novo membro é agregado à igreja, é por obra do mesmo Senhor. O ministro do evangelho mais capaz que já existiu não é mais do que um instrumento pelo qual o Senhor Jesus Cristo Se agradou de edificar Sua igreja. Foi o Senhor que adicionou a cada dia à igreja os que haviam de ser salvos (Atos 2:47), e não Pedro, nem nenhum dos outros apóstolos.

Quão evidente é que a igreja é uma criação do Deus Trino!

SUA ESSÊNCIA SOBRENATURAL

Não se deve supor que a igreja é a única instituição de origem divina no mundo. Há pelo menos outras duas instituições que, com todo direito, podem reivindicar esta mesma distinção. Estas são a família e o estado.

O segundo capítulo de Gênesis relata a história do primeiro matrimônio. Não foi idéia do homem, mas de Deus. Deus disse: “Não é bom que o homem esteja só” (Gênesis 2:18). Então, Deus fez cair um sono profundo sobre Adão, e enquanto este dormia, tomou uma de suas costelas, fez dela uma mulher, e a trouxe a Adão para que fosse sua esposa. Assim, Deus estabeleceu a família humana (Gênesis 2:18-24).

O capítulo 13 de Romanos ensina que o estado é uma instituição divina. Somos encarregados a submeter-nos às autoridades civis “porque não há autoridade que não venha de Deus; e as que existem foram ordenadas por Deus” (Romanos 13:1). E quando Pilatos disse a Jesus: “Não sabes que tenho autoridade para te soltar, e autoridade para te crucificar?”; Jesus respondeu-lhe: “Nenhuma autoridade terias sobre mim, se de cima não te fora dado...” (João 19:10,11).

Pode-se concluir, então, que a família, o estado e a igreja são iguais em glória? Não, de maneira nenhuma. Embora os três sejam de origem divina, a família e o estado estão numa categoria, e a igreja em outra muito distinta. Esta última categoria supera muito em transcendência às outras.

Das três, somente a igreja, diz a Escritura, foi fundada por Cristo. Isto não quer dizer que Ele não teve nada a ver com a instituição da família e do estado. As três pessoas da Santa Trindade sempre trabalham juntas. Ainda assim, é altamente significativo que Cristo dissesse: “...edificarei minha *igreja*...” (Mateus 16:18). A razão é clara. Cristo é o Salvador e a igreja está composta unicamente dos salvos. E isso não se pode dizer nem do estado, nem da família.

A família e o estado pertencem ao reino do natural. Pessoas não regeneradas podem formar uma família, e de fato o fazem. Ainda que a Bíblia proíba o matrimônio de um crente com um não crente, não se pode dizer, por outro lado, que o matrimônio é um privilégio pertencente à esfera do sobrenatural. Somente aqueles que foram nascidos de cima e, em conseqüência, com fé verdadeira receberam a Cristo como seu Salvador e Senhor, são seus membros vivos. Os não regenerados que podem estar na lista da igreja local, e há muitos deles, não são da igreja. A igreja é santa e seus membros são santos. Eles são verdadeiramente “eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e aspensão do sangue de Jesus Cristo” (1 Pedro 1:2). Eles são “geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido por Deus” (1 Pedro 2:9).

Bem, claro está que não há outra instituição em todo o mundo comparável à igreja cristã no que diz respeito à glória! A glória do maior, mais rico, mais poderoso e mais esplendoroso império de toda a história é como nada, digo, menos do que nada, em comparação com a glória da igreja de Cristo.

Não é de se estranhar que dentre todas as incontáveis organizações do mundo, o Redentor amorosamente reclama somente a igreja como Sua propriedade: “Sobre esta pedra”, disse Cristo, “edificarei *minha igreja*” (Mateus 16:18). Somente a igreja é “seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos” (Efésios 1:23).

5. A UNIDADE E DIVERSIDADE

Há alguns anos Wendell Wilkie escreveu um livro popular intitulado *Um só mundo*. Neste livro advogou pela harmoniosa cooperação entre todas as nações. O propósito do senhor Wilkie foi o mais louvável, porém, seu livro padeceu de uma simplificação exagerada e um otimismo superficial. Ele não reconhecia suficientemente a depravação da natureza humana em geral nem a impiedade da doutrina do comunismo marxista em particular. Hoje em dia o mundo está longe de ser unido. A Escritura nos ensina que tal coisa não acontecerá até que Deus tenha estabelecido a nova terra.

A condição da igreja cristã parece ser quase tão triste como a do mundo. Aparentemente, ela também é uma casa dividida contra si mesma. Assemelha-se a um formoso vaso de adorno, que ao cair de seu pedestal, permanece despedaçado em mil pedaços. É como uma grande construção que pela explosão de uma bomba se transformou em um montão de ruínas.

UMA SÓ IGREJA

Incrível como possa parecer, a igreja de Jesus Cristo é realmente uma só.

Esta verdade se pressupõe no Credo Apostólico quando faz menção da “santa igreja universal” no singular e define esta como “a” - a única e singular - “comunhão dos santos”. Certamente, de acordo com o mesmo Credo, a unidade da igreja é um assunto de fé e não de vista, porém, isso não tira nada de sua realidade.

A Palavra de Deus ensina a unidade da igreja de forma inequívoca, repetida e enfática. Não é um exagero afirmar que este é um dos ensinamentos mais destacados do Novo Testamento. Nos diz, por exemplo, que a igreja tem uma cabeça (Efésios 1:22), um Espírito (1 Coríntios 12:13), um fundamento (1 Coríntios 3:11), uma fé e um batismo (Efésios 4:5), e que é um corpo (1 Coríntios 12:12).

Sendo assim o caso, a pergunta obrigatória é porque Jesus orou, no capítulo 17 do Evangelho de João, pela unidade dos crentes. Referindo-se aos apóstolos, Jesus disse no versículo 11: “Pai santo, guarda-os no teu nome, o qual me deste, para que eles sejam um, assim como nós”. E no versículo 11, tendo em mente aos crentes das eras posteriores, continuou: “...para que todos sejam um; assim como tu, ó Pai, és em mim, e eu em ti, que também eles sejam um em nós”. Seguramente, se a unidade dos crentes é uma realidade, pareceria coisa supérflua orar para que tal coisa pudesse chegar a acontecer.

Muitos dos defensores atuais da união das igrejas sustentam que Jesus orou, no capítulo 17 do Evangelho de João, pela unidade organizacional dos seus seguidores. Soltos de língua, citam a oração do Senhor pela unidade dos crentes como apoio para tirar por completo as fronteiras denominacionais. Porém, até numa leitura superficial pode-se ver que Jesus estava pensando principalmente na unidade *espiritual* dos crentes. Ele orou para que eles fossem um *como Ele e o Pai são um*. Sem dúvida, Ele também desejou que esta unidade chegasse a ser manifesta, porque agregou “...para que o mundo creia que tu me enviaste” (João 17:21); porém, isto de nenhuma maneira muda o fato de que a unidade pela qual Ele orou era especificamente espiritual.

Indiscutivelmente, o Senhor orou pela unidade espiritual de Sua igreja. E assim, permanece a pergunta de como se pode reconciliar esta oração com o fato de que espiritualmente a igreja é uma. Um exemplo pode nos ajudar a encontrar a resposta. O cristão é santo. Cada cristão é um santo. Pode-se dizer, inclusive, que em essência o cristão é perfeito. Contudo, é claro que até mesmo o melhor cristão necessita crescer em santidade e tem que percorrer um longo caminho antes de chegar à meta da perfeição. Da mesma forma, a unidade espiritual de todos os que crêem em Cristo é, certamente, uma realidade atual, porém, sua mais completa realização e o alcance de seu mais alto grau é coisa do futuro. A unidade espiritual da igreja por um lado é real, e, por outro, algo que ainda resta se realizar.

O fato que ainda permanece de pé é que a igreja de Deus, longe de ser um montão de ruínas, já é o próprio templo de Deus, perfeitamente proporcionado, edificado sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, com o próprio Jesus Cristo como a principal pedra de esquina, em quem todo o edifício está bem ajustado e todos os crentes são edificados juntos para ser uma morada de Deus no Espírito (Efésios 2:20-22). O Deus onisciente a vê assim. De igual modo os filhos de Deus a vêem assim com os olhos da fé.

MUTAS FORMAS

Está fora de discussão que há uma considerável variedade entre os cristãos como indivíduos e também entre os grupos de cristãos. Não há nenhuma razão que justifique a discussão sobre isto. A uniformidade entre os cristãos não é necessariamente boa. Quando é levada aos extremos, resulta ser um mal. Pode-se demonstrar que a completa uniformidade dentro da igreja não melhoraria sua beleza, mas a diminuiria.

Os teólogos freqüentemente falam da multiformidade da igreja. A grande maioria deles pensa que é algo bom. Contudo, mui poucos definem o termo, e isto tem levado à confusão. Triste é dizer que o termo *multiformidade* tem sido também usado para cobrir uma multidão de pecados.

Tem sido usado para incluir heresias. Pode-se citar um exemplo. Há, sem dúvida, heresias maiores do que o arminianismo. O pelagianismo é uma delas. Porém, o arminianismo também está em erro. Que ninguém diga que a diferença entre a fé reformada e o arminianismo é somente assunto de ênfase, a priméria dando ênfase na soberania de Deus e o último na responsabilidade do homem, e que, por isso, é desejável que haja igrejas reformadas e igrejas arminianas. É óbvio que a responsabilidade humana é um corolário da soberania de Deus. Porque Deus é soberano, o homem é responsável diante dEle. Precisamente então, por sua forte ênfase na soberania de Deus, a fé reformada enfatiza de igual modo a responsabilidade do homem. Porém, o arminianismo causa dano a ambos. Não somente viola o caráter absoluto da soberania de Deus, mas também acomoda as demandas da lei de Deus ao debilitado poder do homem. Ora, todo erro doutrinário, inclusive o arminianismo, é pecado. E fazer que o pecado pareça honrável, lançando sobre ele a capa da multiformidade, também é pecado.

Outra vez, o termo multiformidade tem sido usado freqüentemente para justificar o cisma dentro da igreja. O cisma é divisão pecaminosa. Deixar uma denominação com o propósito de fundar outra é assunto extremamente sério e deve se fazer unicamente

por razão muito obrigatórias. Quando se produz uma divisão no corpo de Cristo por causa de algum assunto insignificante, como, por exemplo, se se deve ou não usar pão com fermento na Ceia do Senhor, há gozo entre as hostes do maligno. A multiformidade e o cisma não são de nenhuma maneira sinônimos.

Se os eclesiásticos pudessem entrar em acordo para usar o termo multiformidade unicamente para as diferenças permissíveis e não para o pecado, isso tiraria muito do mal entendido e poderia promover a unidade da igreja.

Não é difícil nomear algumas diferenças permissíveis. Com o desejo de ter uniformidade, a Igreja de Roma havia adotado uma só língua, o latim, para seus cultos de adoração em todo o mundo; porém, sem dúvida, há lugar dentro da igreja de Cristo para qualquer número de línguas. Três formas legítimas de batismo são praticadas dentro da igreja: a imersão em água, o derramamento de água e a aspersão de água. Que importa se um ministro se veste de toga ou estola, de fraque ou de roupa comum e corrente, quando prega? O escocês tem a reputação de ser impassível e freqüentemente é assim quando adora, enquanto o latino-americano, como o africano, é mais emocional e isto também se reflete em sua maneira de adorar; em vez de se censurar um ao outro devido a esta diferença, devem se ter em alta estima.

Tal multiformidade não obscurece a unidade da igreja de Cristo, mas lhe dá maior realce. A unidade que chega a se expressar na uniformidade pode ser superficial, como freqüentemente acontece. Por outro lado, a unidade que constitui o fundo da multiformidade é necessariamente profunda. Para nós é fácil estar de acordo com aqueles que são ou pensam como nós; porém, estar de acordo com aqueles que diferem de nós só é possível quando uma profunda unidade deixa de lado nossas diferenças externas. Apesar de ser um pagão, Cícero fez uma sábia diferenciação, afirmando que o amor sobrepuja a amizade nisto, que embora a amizade é a estima de um pelo outro, estando os dois de acordo, o amor é a estima de um pelo outro, ainda que não estejam de acordo.

Voltando para o que foi previamente mencionado, a diversidade que não é pecado, em vez de diminuir a glória da igreja, a aumenta. Um prédio construído com pedras de diferentes formas e tamanhos é mais formoso do que um feito com ladrilhos todos iguais. Como o corpo humano deriva sua formosura da variedade de seus membros, assim também o corpo de Cristo. Quando o amor supera a uniformidade e abraça a multiformidade, a maior das virtudes cristãs chega a sua mais gloriosa expressão.

6. A UNIDADE E A DIVISÃO

A unidade espiritual da igreja de Cristo é uma realidade inegável. A igreja é um só corpo, o corpo místico de Cristo.

Nada há que possa destruir esta unidade espiritual. Nem sequer a divisão da igreja em incontáveis seitas e denominações a destrói. Contudo, há de se admitir que a divisão atual da igreja *obscurece* sua unidade. E isto, por certo, é uma triste realidade. Nos obriga a perguntarmo-nos se a igreja não está no sagrado dever de empregar todas suas energias em seu concentrado esforço para remediar este mal.

São citadas três posições sobre este assunto. Estas são: *o denominacionalismo extremo, o unionismo extremo e o idealismo realista.*

O DENOMINACIONALISMO EXTREMO

Um bom número de cristãos é da opinião que a unidade espiritual dos crentes é a única coisa que importa, e que a unidade organizacional é de pouco ou nenhum valor. Alguns chegam ao extremo de considerar que a falta de unidade organizacional é uma virtude, e não um vício.

Como é de esperar, os que sustentam este ponto de vista não vacilam em fundar novas denominações por razões inválidas. Ponhamos alguns exemplos verossímeis: O pastor Ramiro não consegue ver que a Escritura ensina o rapto secreto dos crentes. O presbítero Rodrigo não somente está convencido que este é um ensinamento bíblico, mas também faz desta a sua doutrina favorita. Sua consciência não lhe dá repouso até que convença todos os seus objetores. Se esta discrepância resulta numa divisão na igreja, que importa? Em poucas palavras, o denominacionalismo extremo faz o erro de igualar a multiformidade com o denominacionalismo.

Talvez a mais surpreendente manifestação do denominacionalismo extremo é a assim chamada “igreja não denominacional”. Seus membros asseguram que o denominacionalismo não é do agrado deles, porém o fato é que levariam este assunto ao extremo, porque querem que cada congregação seja uma denominação em e por si mesma.

É evidente que tal denominacionalismo está muito longe do padrão da igreja apostólica. No tempo dos apóstolos, havia discrepâncias significantes entre os crentes das várias localidades; ainda assim, todas as igrejas particulares estavam unidas numa só igreja cristã, e as denominações era ainda impensáveis. O capítulo 15 de Atos nos diz que certos problemas que inquietaram as igrejas dos gentios foram discutidos pelos apóstolos juntamente com os presbíteros da igreja mãe de Jerusalém, e que as decisões tomadas foram consideradas obrigatórias para todas as igrejas. De Atos 15 não se pode extrair o ensinamento que nos conduz à “igreja não denominacional”.

É igualmente óbvio que o denominacionalismo extremo põe a unidade espiritual da igreja cristã debaixo de um almude e assim se lhe priva de sua glória em não pouca quantidade. Isso sim é pecado.

Pode-se justificar a conclusão que esta atitude divisionista dentro da igreja de Cristo merece uma completa condenação.

O UNIONISMO EXTREMO

O pólo oposto do denominacionalismo extremo é o unionismo extremo. Este aspecto é sustentado pela Igreja Católica Romana e pela maioria das igrejas modernas de nossos dias.

A Igreja de Roma assume a posição que não somente deve haver uma só igreja, mas que há em efeito uma só igreja. Essa igreja é a Igreja Católica Romana, por suposto. Todas as outras assim chamadas igrejas, dizem eles, são absolutamente indignas de serem conhecidas como tais. Elas devem se arrepender de ter saído da verdadeira igreja e devem voltar para ela.

O chamado do modernista para a união, embora não menos imperativo que o da Igreja de Roma, tem um motivo diferente. Atrás do chamado da Igreja de Roma está a absurda afirmação de que Roma tem o monopólio da verdade; atrás do chamado modernista se oculta a impertinente noção de que as diferenças doutrinas entre as denominações são muito insignificantes e que a doutrina não importa muito. A indiferença à verdade é uma das características mais destacadas do movimento teológico do passado, as igrejas devem dedicar-se, se no diz, a uma campanha unida para erradicar a injustiça social e evangelizar o mundo.

A insensatez do tal raciocínio é ao mesmo tempo evidente e grande. De acordo com a palavra de Deus, a igreja de Cristo é a “coluna e firmeza da verdade” (1 Timóteo 3:15). A igreja é a supervisora e a defensora da verdade. Disso se deduz que a verdade é extremamente preciosa para a igreja, e de forma alguma ela deve ser sacrificada pela unidade organizacional. Se se alcançasse uma perfeita unidade organizacional à custa da verdade, o que sucederia é que a igreja terminaria destruída. Porque a igreja está onde está a verdade, e igreja que trai tais verdades como a deidade de Cristo e a satisfação da justiça divina por meio da morte sacrificial e substitutiva de Cristo na cruz, se transformou na “sinagoga de Satanás” (Apocalipse 2:9).

Mais de um líder do movimento ecumênico liberal se uniria à igreja de Cristo, destruindo-a.

Apocalipse 13 nos diz que todos os que habitam sobre a terra e cujos nomes não estão escritos no livro da vida do Cordeiro adorarão à besta que subiu do mar (Apocalipse 13:8). O cumprimento dessa profecia provavelmente tem várias etapas, porém sem dúvida a etapa final será a unificação religiosa de quase toda a humanidade sob o anticristo. Deve estabelecer-se como uma inequívoca possibilidade que o alarde ecumênico de nossos dias está contribuindo à rápida realização de tal evento.

Nem o denominacionalismo extremo nem o unionismo extremo tem o remédio para curar a divisão dentro da igreja de Cristo. O primeiro não tem nenhum interesse em encontrar um remédio e deixaria que a enfermidade seguisse seu curso. O segundo nos oferece um remédio que é mais fatal que a própria enfermidade. Temos que concluir que não há remédio? Resta ainda apresentar a resposta do *idealismo realista*.

Por enquanto, temos que recordar que a unidade espiritual da igreja de Cristo continua sendo uma realidade. As divisões existentes obscurecem a unidade da igreja, porém não a destroem. O denominacionalismo extremo acelera a divisão e assim obscurece mais do que nunca a unidade da igreja, embora não possa destruí-la. O unionismo

extremo, por sua vez, assegura a destruição da igreja, mas não lhe será permitido, de fato, destruir nem a igreja nem sua unidade.

Cristo Jesus, a cabeça gloriosa e onipotente da igreja, que está sentado à destra de Deus, garante sua continuidade. A continuidade da igreja está intimamente relacionada com sua unidade. Porque a unidade pertence à essência do corpo de Cristo.

10. A APOSTOLICIDADE

A apostolicidade é um atributo da igreja cristã? Alguns têm contestado esta pergunta afirmativamente; outros, negativamente. A resposta correta é sim e não. Num sentido mui real a igreja da nova dispensação tem a distinção de ser apostólica; em outro sentido não o é.

O FUNDAMENTO APOSTÓLICO

Quando Pedro confessou que Jesus era o Cristo, o Filho do Deus vivo, o Senhor lhe disse, “bem-aventurado”, e seguiu dizendo: “E eu também te digo, que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha igreja” (Mateus 16:18). Porém, o que é “esta pedra”?

A Igreja de Roma diz que a pedra é o apóstolo Pedro, e faz desta declaração de Jesus a pedra angular da doutrina do papado. Pedro, insiste a Igreja de Roma, fui o primeiro papa. Em vista do fato de que o nome de Pedro significa *pedra*, há de se admitir que à simples vista parece lógico identificar Pedro com a pedra sobre a qual está edificada a igreja. Contudo, há razões de peso para rejeitar tal interpretação. Para mencionar somente uma, o Novo Testamento diz em outra parte que a igreja está edificada sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo a principal pedra angular o próprio Jesus Cristo (Efésios 2:20). É significativo que aqui se diz que a igreja está edificada sobre o fundamento de todos os apóstolos e não sobre somente um deles. Não se atribui a Pedro proeminência alguma sobre os outros apóstolos.

Muitos afirmam que a pedra de Mateus 16:18 não é outra pessoa senão o próprio Cristo. Porém tal interpretação é forçada e imaginativa. Por suposto, Jesus estava falando a Pedro, e também dele, quando disse: “E eu também te digo, que tu és Pedro”, isto é, “uma pedra”. Não é possível que os discípulos poderiam ter entendido que não se referia a Pedro, mas a si mesmo (Cristo) quando agregou: “E sobre esta pedra edificarei minha igreja”, a menos que Ele (Cristo) tivesse adicionado a esta última declaração uma referência a Si mesmo. Porém o texto não contém nem a mais leve insinuação de tal demonstração.

É “esta pedra” a confissão que Pedro acabara de fazer? É evidente que a confissão de Pedro tirou de Jesus as palavras que estão em consideração. Sem dúvida, a confissão e a rocha estão estritamente relacionadas. Disso não se segue, contudo, que sejam a mesma coisa. Quando Jesus disse: “E eu também te digo, que tu és Pedro”, isto é, “uma pedra”, e logo agregou: “e sobre esta pedra edificarei minha igreja”, Ele evidentemente estava pensando não somente na confissão de Pedro, mas também em sua pessoa.

É mui provável que “esta pedra” não seja outra coisa que o Pedro confessante como representante de todos os apóstolos. Tal interpretação põe a ênfase exigida pelo versículo tanto na confissão de Pedro como em sua pessoa. Isso se enquadra admiravelmente dentro do contexto. Pedro fez sua confissão em resposta à pergunta de Jesus: “E vós outros, quem dizeis que eu sou?” Notemos bem que “vós outros” é plural. Foi Pedro quem respondeu, porém, não por si só, senão pelos doze. Isso nos leva à afirmar que Jesus, em Sua resposta, se dirigiu a Pedro como representante de seus companheiros. Notemos também que esta interpretação se harmoniza

perfeitamente com Efésios 2:20, que, ao descrever o fundamento da igreja, não fala somente de uma pessoa, mas “dos apóstolos”.

É justificada a conclusão que Mateus 16:18, assim como Efésios 2:20, ensina que o fundamento da igreja é apostólico.

A APOSTOLICIDADE DOUTRINAL

Em que sentido o fundamento da igreja do Novo Testamento é apostólico? Uma resposta inequívoca é que a igreja está fundada sobre a *natureza* dos apóstolos.

Isto se deduz, por certo, da passagem de Mateus já discutida. Não foi somente na ocasião da declaração doutrinal de Pedro, que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, mas precisamente *porque* Pedro confessou esta doutrina que Jesus disse: “E eu também te digo, que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha igreja”. Especificamente como confessores desta verdade, os apóstolos são o fundamento da igreja.

Que o ensinamento dos apóstolos é o fundamento da igreja cristã não é menos implícito na oração sacerdotal de Cristo. Disse ali: “Mas não rogo somente por estes, mas também pelos que hão de crer em mim pela palavra deles” (João 17:20). Cristo tinha em mente aos apóstolos e também à igreja nas eras posteriores. Esta igreja consiste de todos os que crêem em Cristo através do ensinamento dos apóstolos. Esta é somente outra maneira de dizer que a aceitação da doutrina apostólica é a própria essência da igreja.

Pode-se perguntar se a declaração que o fundamento da igreja é apostólico não contradiz a declaração enfática de Paulo: “Porque ninguém pode pôr outro fundamento além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo” (1 Coríntios 3:11). Tal dificuldade desaparece rápida e completamente quando se recorda que a igreja está fundada sobre o *ensinamento* dos apóstolos. O que eles ensinaram? A Cristo! Cristo foi o centro, a substância, a suma total do seu ensinamento. Não disse Paulo, “me propus não saber entre vós coisa alguma, senão a Jesus Cristo” (1 Coríntios 2:2)? Dizer que o ensinamento dos apóstolos é o fundamento da igreja é o mesmo que dizer que Cristo é o fundamento.

É sumamente significativo que um dos credos ecumênicos, a confissão de fé a qual a igreja histórica tem subscrito, tenha chegado a ser conhecida como “O Credo Apostólico”. Por certo, os apóstolos não foram os que escreveram este credo. A idéia de que o credo consiste de doze artigos porque cada um dos doze apóstolos contribui com um artigo, deve ser rejeitada porque carece absolutamente de fundamento. A verdade é que este credo é produto de um desenvolvimento e que chegou a sua presente forma muito depois da morte do último dos apóstolos. Não obstante, seu nome diz exatamente o que é: um resumo das crenças e ensinamentos dos apóstolos.

Claro está que este breve credo não é um resumo completo de todos os ensinamentos dos apóstolos. Por exemplo, não se diz nada sobre a interpretação da morte de Cristo que os apóstolos ensinaram de forma inequívoca, isto é, que foi um sacrifício substitutivo para a expiação do pecado, ao satisfazer as demandas da justiça divina. Este credo tampouco diz algo sobre os ensinamentos apostólicos de assuntos tão importantes como a conduta cristã ou o governo da igreja. O fundamento da igreja

cristã inclui muitos outros ensinamentos dos apóstolos, além daqueles que “O Credo Apostólico” contém.

Não se pode concluir que, para que mereça ser chamada apostólica, a igreja das eras posteriores devem se ajustar nos mínimos detalhes ao molde da igreja da era apostólica. Há aqueles que ensinam isto, porém é uma posição que os próprios apóstolos nunca ensinaram. Por exemplo, na igreja apostólica havia “carismas”, dons especiais do Espírito Santo, tais como o falar em línguas e as curas miraculosas. Em 1 Coríntios 14, o apóstolo Paulo se pôs ao uso de pelo menos um daqueles dons, e há evidência abundante de que tais dons cessaram quando a revelação especial se completou. Outro exemplo. Não há evidência de que os apóstolos tiveram a intenção de que o ofício apostólico continuasse depois da morte deles. Eles nunca designaram a outros homens para que lhes sucedessem no ofício. O ofício apostólico se limitou à igreja da era apostólica. Não há sucessão apostólica.

A SUCESSÃO ORGANIZACIONAL

Certas igrejas reivindicam sua apostolicidade porque afirmam ser exclusivamente, ou quase assim, a continuação ininterrupta da igreja organizada como existiu nos dias dos apóstolos. Particularmente se jactam de seu clero como sendo a sucessão ininterrupta dos bispos ordenados pelos apóstolos. Isto é conhecido como “sucessão apostólica” e é sustentada pela Igreja Ortodoxa Grega, pela Igreja Católica Romana e pela Igreja Anglicana. É interessante que a última das citadas assevera que as três possuem a sucessão apostólica. A segunda admite que a primeira também tenha, mas não a última; enquanto a primeira considera sua possessão pela segunda e pela terceira como extremamente duvidosa.

Um sério erro naqueles que reivindicam a sucessão apostólica é que desconsideram por completo o fato de que a sucessão organizacional não garante a sucessão doutrinária. Sem dizer nada sobre as outras duas denominações antes mencionadas, a Igreja Católica Romana, se apartou muito do ensinamento dos apóstolos. Não nega, acaso, a doutrina que é central no ensinamento apostólico, a justificação pela fé somente? Por essa razão, entre outras, os reformadores do século XVI não vacilaram em qualificar a Igreja de Roma como uma igreja falsa. A sucessão organizacional não tem nenhum valor sem a sucessão doutrinária. Uma igreja que tenha a primeira, porém que tenha perdido a segunda, já não é igreja de Cristo. Os pais reformadores tinham razão quando disseram que a “sucessão doutrinária” antes que a “sucessão de pessoas e lugares” é uma marca inconfundível da verdadeira igreja.

Contudo, deve-se sustentar que uma igreja verdadeira em qualquer tempo e lugar tem a dignidade de possuir apostolicidade tanto organizacional como doutrinária. Os próprios apóstolos constituíram o núcleo da igreja organizada da nova dispensação e durante seu tempo eles edificaram essa igreja. A igreja que eles organizaram nunca deixou de existir, nem nunca deixará. A cabeça divina da igreja o prometeu. Por certo, a igreja tem sofrido muitos cataclismos, porém, nenhum destes a destruiu. Nisso se inclui, por suposto, o grande cataclismo conhecido como a Reforma Protestante. O simples fato é que as igrejas protestantes que emergiram do dito cataclismo foram a continuação da igreja apostólica. Há que se admitir que a igreja organizada de hoje em dia não manifesta essa unidade que era característica nos tempos dos apóstolos, mas que está praguejada de divisões. Contudo, é certo que cada igreja que é

verdadeiramente cristão, e não uma sinagoga de Satanás, nem uma mera seita, é a sucessão organizacional da igreja apostólica.

Talvez uma ilustração ajude a esclarecer este ponto. Pensemos numa árvore. Ela tem um único tronco. O tronco se divide, digamos, em dois ramos. Estes, por sua vez, se dividem em outros ramos menores. Enquanto a árvore vai crescendo, vão aparecendo novos ramos. Contudo, de vez em quando deve ser cortado um ramo que se seca. Pode ser, inclusive, que uma parte considerável de um ou dos dois ramos maiores que saem do tronco deva ser cortada do tronco. Indo um pouco mais, talvez um ou outro daqueles ramos tenha que ser cortado por completo. Porém, apesar do que possa suceder à árvore, não é certo que em qualquer tempo todas os ramos viventes, sejam grandes ou pequenos, são a continuação do tronco? Duma maneira parecida, cada igreja verdadeira, desde os tempos apostólicos até os nossos dias, é a sucessão da igreja dos apóstolos.

A verdadeira igreja se baseia sobre os apóstolos. Tem uma dupla dignidade: a possessão da apostolicidade doutrinária e organizacional.

27. A IGREJA COMO PREGADORA DO ARREPENDIMENTO

A tarefa que Deus designou à igreja é a de proclamar a Palavra de Deus. Um aspecto importante desta é a pregação do arrependimento.

O ARREPENDIMENTO E A IRA DE DEUS

É altamente significativo que os pregadores inspirados que a Bíblia nos apresenta puseram uma ênfase muito especial no arrependimento. O arrependimento foi a primeira coisa que demandaram de seus ouvintes.

Noé, “pregoeiro da justiça” (2 Pedro 2:5), demandou de seus compatriotas o arrependimento de suas más ações. Em todos os escritos dos profetas maiores e menores não há uma nota mais proeminente que a do arrependimento. A tempo e fora de tempo suplicavam ao extraviado povo de Deus que se arrependessem. Ezequiel, por exemplo, clamou: “Assim diz o Senhor Deus: Converti-vos, e deixai os vossos ídolos; e desviai os vossos rostos de todas as vossas abominações” (Ezequiel 14:6), e, “Converti-vos, converti-vos dos vossos maus caminhos; pois, por que morrereis, ó casa de Israel?” (Ezequiel 33:11).

João o Batista repreendeu aos fariseus e aos saduceus: “Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira vindoura? Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento” (Mateus 3:7,8). A Escritura nos diz que ele pregava “o batismo de arrependimento” (Marcos 1:4). A primeiríssima demanda do Filho de Deus durante Seu ministério público foi a do arrependimento. Significativamente diz a Escritura acerca dEle: “Desde então começou Jesus a pregar, e a dizer: Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus” (Mateus 4:17). Da parte aplicativa de seu sermão em Pentecostes, Pedro exortou à multidão dizendo: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para remissão de vossos pecados” (Atos 2:38). O apóstolo Paulo disse aos atenienses que Deus “manda agora que todos os homens em todo lugar se arrependam; porquanto determinou um dia em que com justiça há de julgar o mundo” (Atos 17:30,31), e fez um sumário de sua carreira como pregador afirmando que ele havia anunciado “primeiramente aos que estão em Damasco, e depois em Jerusalém, e por toda a terra da Judéia e também aos gentios, que se arrependessem e se convertessem a Deus, praticando obras dignas de arrependimento” (Atos 26:20). As cartas que o Cristo glorificado ordenou ao apóstolo João que escrevesse às sete igrejas da Ásia Menor abundam em ordens para se arrepender (Apocalipse 2:5, 16;3:19).

É difícil negar que o chamado ao arrependimento não ressoa dos púlpitos de nossos dias com tanto vigor como o faz a Escritura. Dos púlpitos modernistas rara vez se ouve dito chamado e ainda daqueles relativamente conservadores, agora se prega sobre o arrependimento com surpreendente debilidade.

Qual é a razão desta notável diferença entre a pregação tal como está na Bíblia e a pregação de hoje? Uma explicação, e por certo correta, é que a Palavra de Deus considera o pecado com muita mais seriedade que o que é considerado no púlpito de hoje em dia. Porém, subjacente a este fato, há outro. A razão pela qual a Escritura considera o pecado imensamente mais sério que o que se considera na pregação de hoje, é porque a Escritura considera a Deus infinitamente mais sério. O que faz que todo pecado seja sumamente pecaminoso é que o mesmo constitui uma afronta ao

completamente soberano, perfeitamente santo e absolutamente justo Deus. Por essa razão, o pecado faz com que a ira de Deus se ascenda em todo o seu furor, e o cair do pecador nas mãos do Deus vivo, que é um fogo consumidor, é coisa horrenda (Hebreus 10:31; 12:29). E se não se arrepende, lhe espera, sem possibilidade de escape, “uma horrenda expectativa de juízo” (Hebreus 10:27), que lhe há de devorar perpetuamente. O pecador não arrependido está a caminho do lugar onde, de acordo com as palavras de Jesus, “haverá pranto e ranger de dentes” (Mateus 13:42), e “onde o seu bicho não morre, nem o fogo nunca se apaga” (Marcos 9:44,46:48).

O chamamento ao arrependimento na Escritura tem sua raiz no conceito dela acerca do caráter de Deus como o Único soberano que não tolerará resistência alguma a Sua vontade, como o Justo que demanda que o pecado seja castigado com a morte e morte eterna. Somente quando a igreja tiver voltado à *teologia* da Bíblia, atribuirá uma vez mais ao chamamento ao arrependimento o lugar proeminente que Deus lhe deu em Sua Palavra.

O ARREPENDIMENTO E A LEI DE DEUS

O arrependimento é um dom de Deus. Se o Espírito de Deus não operar no coração do pecador, este não poderá se arrepender. Contudo, não devemos descuidar da verdade que, ao realizar esta obra e transmitir este dom, o Espírito Santo costuma usar meios. O meio é a pregação da Palavra de Deus pela igreja, e mais propriamente pela pregação da lei de Deus. Porque, como diz a Escritura, “por meio da lei vem o conhecimento do pecado” (Romanos 3:20).

Tem-se comparado a lei de Deus com um espelho. Se o espelho não está torcido, manchado ou danificado, apresentará uma imagem exata do que está diante dele. A lei de Deus, como um espelho perfeito, mostra ao pecador com todas suas manchas e imundícias. Ao contemplar-se neste espelho o pecador, se não for cego, não só sofrerá um tremendo golpe, mas também se sentirá tremendamente desprezível, com aversão de si mesmo. Este sentimento é sinal de arrependimento.

Pode-se também comparar a lei de Deus com uma montanha. É uma montanha que o pecador está no sagrado dever de escalar, porém não pode. A lei exige que o pecador ame a Deus com todo seu coração, com toda sua alma, com toda sua mente e com todas as suas forças (Mateus 12:30). Porém, quem é capaz de fazê-lo? A lei de Deus demanda que o pecador seja perfeito como Deus é perfeito (Mateus 5:48), porém alcançar tal demanda está mui longe do que é a capacidade do pecador. Enfrentando esta tarefa totalmente impossível, o pecador se sente incapaz e o que é pior, sem esperança. Podemos ouvi-lo gritar: “Ai de mim! que estou morto”. Este é um grito de arrependimento.

Pode-se comparar também a lei de Deus com um carrasco. Esta comparação, por forte que pareça, é extremamente fraca. A lei não somente se *assemelha* a um carrasco, mas *é* um carrasco, e é carrasco por *excelência*. Não somente ameaça com a morte ao transgressor (pecador) dizendo-lhe: “se tu me violas, te destruirei”, mas também cumpre sua ameaça. Quando Deus disse que o “salário do pecado é a morte” (Romanos 6:23), Deus não pôs uma ordem arbitrária, mas declarou uma lei inescapável. Que aquele que viola a lei de Deus deve morrer, é em si uma lei de Deus, porque pecar é apartar-se de Deus e apartar-se de Deus é morrer. Assim, a lei de Deus não somente pronuncia a sentença de morte sobre o pecador, mas também põe essa

sentença em efeito. O apóstolo Paulo teve isto em mente quando disse: “E o mandamento que era para vida, esse achei que me era para morte” (Romanos 7:10). A lei de Deus mata ao pecador. Enfrantando tal carcereiro, que pode fazer o pecador, senão clamar a Deus por Sua misericórdia? Isto é arrependimento.

O ARREPENDIMENTO E A GRAÇA DE DEUS

Se a igreja pregasse somente a lei de Deus, levaria os homens ao desespero. Porém, a igreja está sob a ordem de pregar de forma mui especial as boas novas da graça de Deus. Portanto, tendo pregado a lei que conduz ao arrependimento, deve pregar também o arrependimento que conduz à salvação.

O apóstolo Paulo nos diz que “a lei se tornou nosso aio, para nos conduzir a Cristo” (Gálatas 3:24). Ele estava pensando na revelação progressiva de Deus à igreja das duas dispensações. Com a ênfase sobre a lei no Antigo Testamento, Deus propôs ensinar a Seu povo que eles eram pecadores incapazes de salvar-se a si mesmos e assim, prepará-los para a recepção da salvação pela fé em Cristo Jesus; isto, por certo, é ensinado em toda a Escritura, porém de uma maneira especial é revelado no Novo Testamento. Contudo, para o pecador de forma individual, a lei também é o aio que lhe leva a Cristo. Nas palavras de Lutero: “A lei revela e enfatiza o pecado, humilhando o orgulhoso para este desejar a ajuda de Cristo”. Assim, a lei nos prepara para a graça.

O chamado ao arrependimento é certamente uma ordem divina, porém, também é um convite divino, cordial e mui urgente. Jurando por si mesmo, Deus declara: “Vivo eu, diz o Senhor Deus, que não tenho prazer na morte do ímpio, mas sim em que o ímpio se converta do seu caminho, e viva”; e logo suplica aos pecadores: “Convertei-vos, convertei-vos dos vossos maus caminhos; pois, por que morrereis...?” (Ezequiel 33:11). E o apóstolo Pedro nos assegura que Deus não quer “que ninguém se pecar, senão que todos venham a arrepender-se” (2 Pedro 3:9). Ao comentar sobre esta compreensiva e importante declaração, Calvino disse: “Tão maravilhoso é Seu amor para com a humanidade que quer que todos sejam salvos, e de Si mesmo está pronto a impartir salvação aos perdidos. Porém, deve-se notar a ordem: que Deus está pronto a receber a todos para arrependimento de tal modo que ninguém pereça; porque, nestas palavras estão assinalados o caminho e o modo de se obter a salvação. Cada um de nós, portanto, que deseja obter a salvação, deve saber que o arrependimento é o caminho para entrar nela...” O arrependimento é inegavelmente o requisito para a salvação; porém, Deus não só convida a todos os arrependidos à salvação, mas também convida amorosamente a todos os pecadores ao arrependimento.

Quando a pregação da lei é aplicada pelo Espírito Santo ao coração do pecador, este é trazido à convicção do pecado. Quando o Espírito de Deus procede à aplicar a pregação do evangelho em seu coração, o pecador convicto se lança sobre a misericórdia de Deus. Como o publicano da parábola, o pecador se golpeia e exclama: “Ó Deus, sê propício a mim, pecador”, e o Deus de toda graça o justifica (Lucas 18:13,14). Com o filho pródigo, noutra parábola, o pecador volta ao Pai com esta confissão: “Pai, pequei contra o céu e contra ti, já não sou digno de ser chamado teu filho”, e ainda antes de terminar sua confissão, o Pai foi movido por misericórdia, lançou-se-lhe ao pescoço e o beijou (Lucas 15:20,21). E o Salvador, de acordo com

Sua promessa: “O que vem a mim, de maneira nenhuma o lançarei fora” (João 6:37), chama ao arrependido para vir a Ele.

O verdadeiro arrependimento nunca chega tarde demais. Dois malfeitores foram crucificados com o nosso Senhor. Na hora final de sua vida criminosa, um deles se arrependeu. Confessou que estavam fazendo justiça com ele ao ser crucificado, e voltando-se ao Salvador, orou: “Lembra-te de mim quando entrares no teu reino”. Jesus lhe respondeu: “Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso” (Lucas 23:41-43). E logo as portas do paraíso se abriram e, tomados pela mão, Seu Senhor e ele entraram. Aquela manhã ele foi desprezado pelos homens; pela tarde, os anjos de Deus lhe deram boas vindas. Aquela manhã ele era completamente vil; pela tarde, lavado com o sangue carmesim, foi feito branco como a neve. Aquela manhã ele foi despido; pela tarde, foi vestido com roupas brancas. Aquela manhã foi um criminoso; pela tarde, foi contado entre as multidões de homens justos e aperfeiçoados. Aquela manhã estava parado nas próprias portas do inferno; pela tarde, encontrou-se na Jerusalém celestial. Aquela manhã estava nas garras do diabo; pela tarde já estava seguro nos braços do Senhor. Aquela manhã foi dependura numa maldita cruz; pela tarde, já estava sentado com o Filho de Deus em Seu trono.

Maravilhosa graça de Deus!

32. OS SACRAMENTOS

A Igreja de Roma está errado quando ensina que a igreja confere graça salvadora aos homens. Somente Deus pode fazer tal coisa. Deus salva, não a igreja. Porém é certo que Deus tem honrado a Sua igreja ao confiar-lhe os *meios* pelos quais Deus costuma impartir esta graça salvadora aos homens. Um destes meios é a Palavra de Deus. Por meio de Sua Palavra Deus dá fé àqueles que não a tem e fortalece a fé daqueles que já a tem. Os sacramentos são outro meio de graça pelo qual Deus fortalece a fé de Seu povo.

SEU NÚMERO

Na antiga dispensação Deus instituiu dois sacramentos, a circuncisão e a páscoa. Na nova dispensação o Senhor Jesus Cristo substituiu a circuncisão pelo batismo e a páscoa pela santa ceia. A razão importante para esta substituição foi que depois de Cristo derramar Seu próprio sangue no Calvário, os sacramentos sem sangue tinham que substituir aos sacramentos com sangue. O significado, não obstante, dos sacramentos nas duas dispensações é essencialmente o mesmo, e seu número é idêntico.

Aos sacramentos do Novo Testamento, a Igreja de Roma agregou mais cinco: a penitência, a confirmação, a ordem sagrada, o matrimônio e a extrema unção. Certas confissões evangélicas falam de três no lugar de dois; agregam o “lavamento de pés”, interpretando literalmente e como uma ordenança perpétua o mandamento de Cristo: “Ora, se eu, o Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros” (João 13:14).

É evidente que o número de sacramentos que uma igreja observa é determinado pela definição que a mesma tem de um sacramento. Quanto mais elástica for a definição, maior será o número; quanto mais estrita for, o número será menor. Disso segue-se que a igreja que reconhece dois sacramentos, define ao sacramento de uma forma mais restringida, e assim os exalta mais do que o faz a igreja que reconhece um número maior.

Agora bem, é um fato significativo que toda a igreja cristã tem reconhecido sempre e de forma unânime o santo batismo e a santa ceia como sacramentos. E estes dois sacramentos, como aqueles da antiga dispensação, são ordenanças divinas cujo significado é a graça salvadora de Deus. Esta definição, por suposto, não enquadra com nenhum outro dos assim chamados sacramentos. A penitência, a confirmação e a extrema unção não têm base alguma na Escritura e, portanto, não podem ser qualificados como ordenanças divinas. Também, não é possível sustentar que o Senhor Jesus pensava que seja um requisito essencial que Seus discípulos, em qualquer época, lavem literalmente os pés uns dos outros. E, ainda que o matrimônio e a ordem sagrada sejam indubitavelmente ordenanças divinas, eles não levam em si o significado da graça salvadora.

Concluimos que há unicamente dois sacramentos: o santo batismo e a santa ceia. Esta conclusão enobrece aos sacramentos, e por isso mesmo enobrece também à igreja, à qual tem sido confiados tais sacramentos.

SEU SIGNIFICADO

Convém que entendamos claramente que os sacramentos não adicionam nada à Palavra de Deus. Não há nada nos sacramentos que não esteja na Palavra de Deus. Quando a igreja administra os sacramentos, ela proclama em forma visível o mesmo evangelho que proclama audivelmente por meio da pregação. Pela pregação da Palavra se apresenta o evangelho pelas portas do ouvido; pela administração dos sacramentos se apresenta o mesmo evangelho pelas portas da vista. Isso não quer dizer que os sacramentos carecem de dignidade. Pelo contrário, significa que compartilham da alta dignidade que goza a Palavra de Deus.

Os sacramentos são meios de graça. Isso quer dizer que são meios através dos quais Deus o Espírito Santo costuma transmitir Sua graça aos crentes. É importante manter que eles não são mais do que isso - meios de graça; é da mesma forma importante manter que não são menos do que isso.

A Igreja de Roma ensina que os sacramentos são mais do que meios de graça, porque em si mesmos contêm a graça que conferem. Zuínglio, um dos reformadores do século XVI, sustentou que os sacramentos são menos do que meios de graça, sendo nada mais do que uma vívida recordação da obra salvadora de Cristo. Este ponto de vista tem muitos aderentes nas igrejas evangélicas de nossos dias. Assim, a Igreja de Roma exagera o significado dos sacramentos, enquanto que Zuínglio e seus seguidores o minimizam. Os luteranos e os calvinistas, por outro lado, assumem uma posição equilibrada que é Deus, e não o rito eclesiástico, que confere graça salvadora, porém, que agrada a Deus fazê-lo por meio das ordenanças eclesiásticas que Ele ordenou para esse fim. Que esta posição é bíblica, não há dúvida. Vezes após outra, a Escritura ensina que a “salvação é do Senhor” (Salmos 3:8), e é uma prerrogativa que Deus reservou para Si mesmo. E quando Pedro, em seu sermão em Pentecostes, exortou a seus ouvintes: “Cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para remissão de vossos pecados” (Atos 2:38), ele evidentemente julgou o batismo como muito mais do que um mero ato ou rito recordativo da morte de Cristo pelos pecadores. Ananias de Damasco deu também ao batismo a importância que a Escritura lhe confere, quando disse a Saulo: “Levanta-te, batiza-te e lava os teus pecados, invocando o seu nome” (Atos 22:16).

Os sacramentos têm sido definidos como sinais e selos do pacto. Esta é uma maneira de dizer que significam e selam, para os que estão dentro do pacto, os benefícios da redenção de Cristo. Porém não somente *significam* a salvação; como selos se unem à promessa divina de salvação para *autenticá-la*, como o arco-íris foi feito o selo da promessa divina a Noé da continuidade da natureza. Isso não é tudo. Como selos, os sacramentos na realidade conferem a graça que costumam significar, assim como a chave concede entrada ou a cerimônia do matrimônio concede os direitos do matrimônio.

SUA EFICÁCIA

Quando e como, precisamente, os sacramentos conferem a graça de Deus? Sobre este assunto há sérias diferenças de opinião. Sem entrar em detalhes complicados, pode-se dizer que há três pontos ou considerações sobre o particular.

A primeira questão é se a eficácia dos sacramentos depende ou não da boa intenção da pessoa que o administra. A Igreja de Roma contesta de forma afirmativa, porém a posição que assume é da mais vulnerável. É evidente que uma das suas características é fazer com que as pessoas dependam totalmente do sacerdócio. Porém, quem dirá que a eficácia da Palavra depende da boa intenção do pregador? Por certo que há casos em que Deus pode salvar a alguém pela proclamação do evangelho feita por uma pessoa não convertida. Então, que ninguém presuma ditar a lei à Deus, proibindo-Lhe de impartir a graça através de um sacramento administrado por um falso ministro de Cristo.

O segundo ponto é se a eficácia que confere graça reside nos próprios sacramentos ou no Espírito Santo que atua através deles. A Igreja de Roma sustenta enfaticamente que os sacramentos contêm a graça que comunicam e que, conseqüentemente, eles comunicam a graça automaticamente. O luteranismo não rejeita totalmente tal posição. Contudo, a fé reformada insiste que os sacramentos não têm nenhuma eficácia intrínseca, porém, que são feitos eficazes unicamente pelo Espírito Santo, que os usa soberanamente para fazer Sua vontade. Este ponto de vista está em harmonia com o ensinamento inequívoco da Escritura de que a salvação, do princípio ao fim, é uma prerrogativa divina.

O terceiro ponto é se é necessária a fé ou não por parte do recipiente dos sacramentos para que se beneficie deles. Sobre este particular a Igreja de Roma e o calvinismo estão em franca oposição, enquanto o luteranismo ocupa uma posição intermediária. A Igreja de Roma ensina que os sacramentos conferem graça automaticamente sobre o recipiente, quer este creia, quer não. Somente quando oferece oposição ativa é que uma pessoa perde os benefícios do sacramento. Os luteranos dizem que a graça é objetivamente comunicada ao recipiente, tenha ou não fé, porém, que esta graça é apropriada subjetivamente somente por aquele que recebe o sacramento com fé. A modo de comparação tem-se dito que embora a lenha não se queimará a menos que esteja seca, contudo, a sequeidão da lenha não dará poder ao fogo que está ardendo debaixo dela. De igual modo tem-se argumentado analogamente que embora a mulher com fluxo de sangue não teria sido curada se ela não tivesse tocado com fé no Senhor, ainda assim o poder de curar residente nEle foi real, tivesse ela crido ou não. A posição reformada é que somente os que crêem recebem graça através dos sacramentos. O fato de que na igreja apostólica a fé era um requisito indispensável para o batismo, confirma este esse ponto de vista; por exemplo, Atos 2:41; 16:31. E de igual modo foi a advertência apostólica de que todos os que participam da Ceia do Senhor indignamente, comem e bem juízo para si (1 Coríntios 11:29).

SUA SANTIDADE

Embora a palavra *sacramento* não se encontre na Escritura, dita palavra descreve com exatidão as ordenanças em consideração. A palavra as designa como *coisas santas*. É por isso que os cristãos costumam falar de *santo* batismo e de *santa* comunhão. É um assunto de suprema importância que a igreja, à qual o Senhor confiou os sacramentos, os guarde *santos*.

É por isso que os sacramentos devem ser celebrados somente pela igreja. Um grupo de pessoas não organizado como igreja, embora fossem cristãos, não teriam o direito de celebrar os sacramentos. Como a Palavra, devem ser administrados por um

ministro ordenado. E ao ministro não lhe é permitido administrá-los, senão somente na reunião do povo de Deus. Se por uma circunstância excepcional se considera próprio administrar um sacramento a alguém que não pode vir à igreja, a igreja deve ir a ele. Isso pode ocorrer quando, por exemplo, um pastor, acompanhado por um ou dos anciãos governantes da igreja, administra a Ceia do Senhor a um crente prostrado em cama.

A igreja nunca deve batizar a um adulto que não mostre clara evidência de crer no Senhor Jesus Cristo. Tampouco deve a igreja batizar a qualquer criança, senão somente àquelas cujos pais são membros em plena comunhão. Deve-se ter extremo cuidado sobre este particular, a fim de evitar uma possível decadência da igreja.

De igual modo, a grande maioria das igrejas de hoje praticam o que com orgulho chamam comunhão aberta. Por comunhão aberta se entende que todos os que assistem ao serviço de comunhão, e que afirmam serem cristãos, podem participar livremente deste sacramento. Geralmente os oficiais da igreja não se preocupam de averiguar se o visitante é um cristão ou não. Deixam o assunto a juízo próprio do visitante. Não é de todo difícil imaginar qual será o resultado de tal proceder. Especialmente nestes dias quando reina uma confusão desesperadora dentro da igreja no que diz respeito ao que significa ser cristão; quando há uma aguda divisão entre os dirigentes da igreja no que se refere à pessoa de Cristo, se é um mero homem, embora bom e nobre, ou o Filho de Deus no estrito sentido de que é o próprio Deus; quando a interpretação bíblica da morte de Cristo é freqüentemente menosprezada, até mesmo pelos auto-intitulados teólogos cristãos, em termos de uma “teologia do matadouro”; e quando o termo fé é freqüentemente esvaziado de todo seu conteúdo religioso, esta forma de pensar pode unicamente ser desastrosa para a santidade do sacramento da santa comunhão.

Os sacramentos são santos. O grande Cabeça da igreja confiou estas santas ordenanças a Sua santa igreja. Existe a mais íntima relação entre a santidade dos sacramentos e a santidade da igreja. Conservar a santidade dos sacramentos é ao mesmo tempo uma responsabilidade designada por Deus à igreja e um grande privilégio. A igreja que descuida de tal responsabilidade e despreza tal privilégio não poderá continuar sendo santa. Pisoteia sua própria glória.